

2

Da Literatura à Nação: indivíduo e sociedade

2.1.

Auto-reflexão, observação, experimentação e diálogo

A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral, de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência; e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade. Sua voz como um eco imortal repercute por toda parte, e diz: em tal época, debaixo de tal constelação, e sobre tal ponto do globo existia um povo, cuja glória só eu a conservo, cujos heróis só eu os conheço; vós porém, se pretendeis também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo, e uma sombra viva do que ele foi.¹

Gonçalves de Magalhães

Importava a Gonçalves de Magalhães promover a libertação do Brasil em relação à herança colonial portuguesa. Construir a liberdade de um “povo” que possuía suas próprias “instituições”, “virtudes” e “paixões”. Enfim, clamava pela atenção e cuidado acerca de tudo aquilo que compunha um determinado lugar, geometricamente desenhado “debaixo de tal constelação, e sobre tal ponto do globo”. Magalhães pretendeu, através da literatura, apresentar ao mundo uma coletividade de homens capazes de construir relações problemáticas porém funcionais, a partir de suas próprias tradições – virtudes, problemas, códigos e natureza.²

¹ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1980 [1836], p. 24. Cabe ressaltar que o título original, quando da publicação do primeiro número da Revista *Niterói*, em janeiro de 1836, era outro, a saber – *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*. O próprio Magalhães teria efetuado a leve correção ao publicar pela Garnier o tomo VIII de suas obras completas, datado de 1865. Utilizaremos o texto publicado em 1980 por Afrânio Coutinho – *Caminhos do Pensamento Crítico*, volume I. E daqui para frente, durante todo o capítulo 2, nos reportaremos ao texto em questão como *Discurso*, fazendo as devidas referências às páginas no próprio corpo do texto e sem a repetição do autor e do título.

² Não é meu objetivo analisar a forma dos poemas e da prosa de Gonçalves de Magalhães. O presente trabalho utiliza-se de sua poesia, assim como da história e da filosofia propostas pelo autor fluminense, com o fito de examinar as reflexões em torno da construção de uma moral social e de um *habitus* ético. E em relação à literatura, adiantamos que o autor fluminense a entende como mais um lugar, nesse momento o mais importante, para que se possa exercer o que chamamos de espírito filosófico, melhor dizendo, atitude crítica permanente para a formação da Nação brasileira, pois como afirma Caetano – “Como tese fundamental, Magalhães postula a existência de um vínculo entre Literatura-Poesia-

Chegamos, assim, a uma primeira definição do que vem a ser a literatura para o autor fluminense. A literatura é uma narrativa preenchida pela razão, “o que há de mais filosófico”, e pela paixão. Discurso capaz de representar um determinado lugar. Apresentar uma “sombra viva” daquilo que o particular oferece, e não exatamente o que é. “Sombra”, pois finita é a capacidade humana de representação; “viva”, porque em movimento sempre surpreendente.

Como percebemos na citação, Magalhães fala de uma atitude filosófica intrínseca à literatura, quando esta realmente deseja se aproximar daquilo que foi e daquilo que é. Enfim, “inteligência” e “paixão” forjam a atividade literária, razão e inventividade, por assim dizer. A literatura para Magalhães deve ser pretendida apenas enquanto elemento capaz de analisar o que vinha sendo apresentado como última instância do real.³ O autor do *Discurso* revelava ser possível, através da literatura, a investigação e a transformação do que vinha sendo afirmado como verdadeiro, a saber, a constitutiva dependência e filiação dos brasileiros em relação às formas morais e políticas portuguesas e à cultura clássica. Senão vejamos:

O Brasil, descoberto em 1500, jazeu três séculos esmagado debaixo da cadeia de ferro, em que se recostava um Governador colonial com todo o peso de sua insuficiência, e de seu orgulho. Mesquinhas intenções políticas, por não dizer outra coisa, ditavam leis absurdas e iníquas que entorpeciam o progresso da civilização e da indústria. Os melhores engenhos em flor morriam, faltos desse orvalho protetor que os desabrocha. Um ferrete ignominioso de desaprovação, gravado na fronte dos nascidos no Brasil, indignos os tornava dos altos e civis empregos. (p. 28)

E continuando, critica o classicismo da maioria dos poetas que tinham escrito até então:

Filosofia-História-Povo-Nação, em uma constelação articulada de valores que ele concebe endereçada ao Brasil...”. CAEIRO, F. da G., 1994, p. 25.

³ Luiz Costa Lima afirma ser característica da modernidade pôr entre parênteses o racionalismo lógico-formal. Com Locke, entre outros, a razão passa a ser surpreendida pelo movimento do mundo material. Deve-se ir à natureza e ao mundo da cultura para forjar reflexões que passem de simples fantasmagorias. Nesse sentido, Gonçalves de Magalhães vai criticar a escola sensualista e o idealismo alemão, afirmando ambos como afastados da idéia de bem permitida à *humanidade*. Cf. LIMA, L. C., 1989.

A literatura brasileira não é uma indígena civilizada; é uma grega vestida à francesa e à portuguesa, e climatizada no Brasil; é uma virgem do Hélicon que, peregrinando pelo mundo, estragou seu manto, talhado pelas mãos de Homero, e sentada à sombra das palmeiras da América, se apraz ainda com as reminiscências da pátria, cuida ouvir o doce murmúrio da castalia, o trépido sussurro do London e do Ismeno, e toma por um rouxinol o sabiá que gorjeia entre os galhos da laranjeira. Enfeitiçados por esse nume sedutor, por essa bela estrangeira, os poetas brasileiros se deixaram levar por seus cânticos, e olvidaram as simples imagens que uma natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia. (p. 31-32)

Ocorre que a literatura passa a se forjar a partir do interesse em aproximar reflexão e observação empírica, caminho através do qual se poderia contestar a afirmação de poder da metrópole, e construir cotidianos mais reconhecíveis.⁴ O Império do Brasil possuía qualidades e imperfeições próprias, logo, chaves reflexivas e proposições concretas específicas. Como Costa Lima afirma, não deixará de ser preocupação de certo Romantismo zelar pela abertura em relação ao mundo da matéria; isso é o que Schlegel buscou oferecer através de sua teoria poética transcendental. Acompanhemos:

A poesia romântica [...] quer [...] tornar a poesia viva e social e a vida e sociedade poéticas.⁵

Gonçalves de Magalhães, ao teorizar acerca da literatura e da poesia, se aproximou de tal sentença.⁶ O autor brasileiro decantava a necessidade de se atentar para a incessante afetação, ao mesmo tempo em que apregoava a essencialidade das reflexões capazes de entender e de *criar*. O autor em questão está impregnado da

⁴ Afirma Magalhães no *Discurso* – “A literatura abrangendo grande parte de todas as ciências e artes, e sendo ela filha e representante moral da civilização, é mister um conjunto de extensos conhecimentos para se poder traçar a sua história geral ou particular...”. (p. 26)

⁵ Apud., LIMA, L. C., 1989, p. 105.

⁶ Devemos reconhecer que em alguns momentos do texto de 1836, a poesia era marcada por significativa inventividade, algo capaz de desequilibrar o sistema observação/razão/imaginação/experimentação. Cabe ressaltar, ainda, que por literatura Magalhães entende, principalmente, poesia. Nos idos de 1840 gêneros como o romance ainda não possuíam força, diferentemente do que ocorreria na segunda metade do século XIX, amparados por figuras como Joaquim Norberto de Souza e José de Alencar. Cf. ROCHA, J. C. de C., 1999, p. 51 et. seq.

compreensão histórica que compõe, fortemente, o Romantismo e o Espiritualismo Eclético de Victor Cousin.⁷

Construir uma Nação para Magalhães significava aproximar o que é múltiplo. É atenção e entendimento em relação ao movimento do mundo, assim como inventividade, criação. Pois bem, a literatura é um lugar privilegiado para a realização de tal procedimento. Arrumação problemática do que é, em última instância, caótico, não passível de síntese final. Ainda segundo Schlegel, afirma Luiz Costa Lima:

O caos, que Schlegel adjetivou tantas vezes de modos diferentes, não tem o sentido de balbúrdia ou confusão, mas de complexidade sintética, contraposta à razão discursiva, desmembradora, ‘mecânica’. [...] uma pressão criadora de mundo (que explicita) o propósito de tornar o poema um objeto complexo, onde entusiasmo e ironia mutuamente se controlam e se alimentam e as contradições se simetizam, em vez de se resolverem em alguma harmônica chave de ouro.⁸

Através das palavras acima, busco menos elaborar crítica acerca do pensamento de Schlegel, do que apresentar o Romantismo como uma visão de mundo eivada por posições distintas, quase que contrárias.⁹ E, desde já, anuncio que ao pensar o Romantismo em Magalhães estaremos nos afastando dos extremos que esse mesmo espírito auxiliou a forjar, quer na Europa quer no Brasil. Em Magalhães não há hipertrofia do eu, não há tradicionalismo com suas vertentes imobilista e saudosista, assim como não percebo mentalidade realista calcada nos “grandes” avanços científicos. Acompanhem as palavras de Nelson Saldanha sobre esse emaranhado que constitui o que se convencionou chamar de Romantismo.

⁷ Afirma Roque Spencer – “Mas, de qualquer forma, romântico, não tanto talvez por suas realizações, mas principalmente por sua aguda consciência do tempo e da história...”. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 2. E, em relação a Cousin, afirma o mesmo autor que, assim como Herder e Fichte, o filósofo francês se aproximaria da **compreensão** histórica sem, no entanto, rechaçar o amor pela verdade demonstrado pelos iluministas setecentistas. Ibid., p. 40.

⁸ Apud., LIMA, L. C., 1989, p. 102.

⁹ Antes de continuarmos, entretanto, é fundamental ressaltar que a apropriação que faço da digressão do professor Luiz Costa Lima é heurística. O interesse desse autor é basicamente da ordem da estética, o meu da ética e da moral social.

Dentro das contradições do século XIX, a presença do ideário romântico carregou consigo suas próprias contradições. Desde logo seu vínculo fundamental com o idealismo alemão da geração de Hegel, e entretanto seu empirismo, ligados aos progressos da historiografia e da etnografia, da arqueologia e de outros campos. Também o contraste entre as militâncias político-culturais e o pendor medievalista. Em conexão com isto o Conservadorismo (este um problema extenso dentro dos problemas do romantismo) a conviver com o liberalismo vindo dos clássicos. Por outro lado o realismo, que estava nos Conservadores e em tantos outros, em conflito com uma fundamental religiosidade, correlata do próprio subjetivismo.¹⁰

O que atrai Magalhães ao Romantismo europeu é a crítica à hipertrofia quer da razão quer do empirismo, resultantes, também, da desilusão pós-revolucionária e industrial na Europa. O autor brasileiro busca soluções provisórias para o mundo dos homens, acordos amparados no diálogo entre razão e observação, no qual esta apresenta o mundo àquela também através da imaginação.¹¹ Reafirmo, assim, que Magalhães não se permite seduzir pelo realismo que tomou parte de certo historicismo oitocentista romântico. Sobre as características deste último, vejamos o que anuncia Nelson Saldanha:

A discussão sobre as ciências sociais, historicamente associadas ao realismo e ao relativismo, levou o pensamento social do oitocentos ao fascínio do cientificismo, sugerido igualmente pelo essor das ciências naturais, que se consolidavam desde fins do século XVIII. A exaltação da ciência foi entendida sobretudo nos termos das ciências naturais, porquanto o sustentável dualismo epistemológico só surgiria com o neokantismo, sobretudo com os professores de Marburgo.¹²

¹⁰ SALDANHA, N., 1994, p. 93. Cito, também, Anna Maria Moog Rodrigues - “Enquanto o Classicismo aponta as diferentes categorias dos entes, cada um na sua especificidade própria, acentuando a competência do indivíduo e da razão individual, o Romantismo vai apagando os contornos das individualidades, imergindo-as no grupo, na coletividade. No entanto, contraditoriamente, apregoa a idéia da liberdade, a libertação do indivíduo das peias e amarras das convenções sociais”. RODRIGUES, A. M. M., 1994, p. 82. Cf. GUINSBURG, J., 1993.

¹¹ Devemos mencionar que Magalhães era leitor de Kant. Acompanhava suas reflexões em ética e em teoria do conhecimento, todavia acreditava incorrer, o pensador alemão, em idealismo. Melhor dizendo, Kant, para Magalhães, apesar de demonstrar a finitude da razão humana, acabava por fechar-se nela própria. Tal crítica, apesar de me parecer equivocada, apenas nos mostra a preocupação do pensador brasileiro com os movimentos do mundo.

¹² SALDANHA, N., loc. cit.

O que mais nos importa afirmar, por agora, é que, assim como em certo Romantismo europeu, as reflexões de Magalhães, sejam em relação à literatura ou a qualquer outra forma de narrativa, eram habitadas pela tensão entre razão, observação/ experimentação e imaginação. Magalhães conclamava os seus compatriotas a se insurgirem contra o jugo despótico e escravocrata do pós-independência, todavia, estava preocupado em resguardar as individualidades, única forma de assegurar longo período de liberdade, quero dizer, a própria inteligência - aquilo que há “de mais filosófico no pensamento”. Cabia não cometer arroubos racionalistas, nem materialistas e nem criativos, enfim, **liberdade e ordem**. Conforme afirma Nelson Saldanha, buscando comparar o Romantismo em Magalhães ao Europeu, e reconhecendo a presença salutar da preocupação com o “real”:

Recordemos contudo, agora, que dentro do próprio idealismo alemão, a especulação metafísica abrangeu em sua problemática itens retirados das ciências empíricas. Deste modo o pensamento de Schelling incluiu, principalmente na Filosofia da Natureza, dados oriundos da física e da química de seu tempo. Em Hegel, com uma vasta articulação metafísica vinculada a um profundo entendimento histórico, também se encontram as ciências de sua época. Na verdade, o século XIX, em cujas décadas iniciais ocorreu o idealismo pós-kantiano, foi predominantemente o século do empirismo e das ciências naturais, com enormes progressos na física e na química, e das ciências sociais e históricas, com os avanços da arqueologia, da etnografia e outras disciplinas [...] com isto o espírito romântico, identificado com o idealismo durante certo tempo, foi também um espírito do real – e não faltou um traço de ambigüidade no trânsito, em certos países, de uma literatura dita romântica para outra dita realista.¹³

E continua, agora exclamando a respeito da tensão entre razão e experimentação no pensamento de Gonçalves de Magalhães:

Aliás Gonçalves de Magalhães, que muito se preocupou com o empirismo e com a percepção em seus *'Fatos do Espírito Humano'*, aludiu à metafísica como um ‘terceiro grau da ciência’, além da percepção sensível e da ‘ciência humana experimental e empírica de todas as coisas’.¹⁴

¹³ SALDANHA, N., 1994, p. 98.

¹⁴ Ibid., p. 99.

Então, a “...literatura abrangendo grande parte de todas as ciências e artes” (Cf. nota 4) seria o lugar privilegiado de encontro e produção de conhecimento acerca do verdadeiro, do belo e do bem; tudo isso a partir de uma certa atitude que estabelece a utilização da razão como instrumento capaz de acumular acertos, logo, de refutar os desenganos da herança do classicismo e da colonização portuguesa em relação à natureza e aos cotidianos brasileiros. Entretanto, numa outra mão, não devemos pensar que a inteligência em Magalhães seja capaz de apresentar o próprio real. Aliás, como vimos mais acima, a literatura nos representa dados específicos de “... tal época, debaixo de tal constelação, e sobre tal ponto do globo”, tudo isso, porém, sob a forma de uma “sombra viva”.

Afirmo que para o autor do *Discurso* a produção de conhecimento não é da ordem do imperecível, completando-se, sim, no produtor, melhor dizendo, a partir do diálogo equilibrado, sério e inventivo entre as tradições (vozes estabelecidas) e o movimento (novas necessidades bio-materiais e culturais), pois, “*nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence*”. (p. 27)

Dentro deste universo, Magalhães pretendia mostrar que por trás daquele dito justo das tradições absolutista e escravista portuguesas e formal do classicismo, existiam forças em movimento capazes de apontar para caminhos que assegurariam melhores possibilidades a um certo conjunto de heterogêneos mundos. Estávamos mais próximos às musas e aos ares coloniais do que aos cenários e problemas que exigiam novas visadas e estratégias de ação. Enfim, vivia-se numa terra, na qual a pobreza assolava a grande maioria, e na qual a imoralidade e a arbitrariedade de pobres e de ricos impossibilitava a constituição de um mundo minimamente normativo. Reparemos:

Que colono tão feliz, ainda com o peso sobre os ombros, e curvado sobre a terra, a voz ergueu no meio do universo, e gravou seu nome nas páginas da memória? Quem não tendo a consciência da sua livre existência, só rodeado de cenas de miséria, pôde soltar um riso de alegria, e exalar o pensamento de sua individualidade? (p. 29-30)

Era necessário denunciar o processo de subaproveitamento dos probos brasileiros, diria Magalhães, desnudando a maligna realidade então construída pelos colonizadores, a saber, a de que os portugueses seriam responsáveis pela construção de uma moralidade digna que teria salvado parte significativa daqueles outros da barbárie. O autor fluminense denunciava, assim, a existência de uma *intelligentsia* brasileira capaz de atuar em prol dos interesses próprios à sua realidade e de comprovar que o novo Estado era digno de libertação, enfim, de alterar verdadeiramente os rumos.

Triste é sem dúvida a recordação dessa época, em que o Brasileiro, como lançado em terra estrangeira, duvidoso em seu próprio país vagava, sem que dizer pudesse: isto é meu, neste lugar nasci! Envergonhava-se de ser Brasileiro, e muitas vezes com o nome de Português se acobertava para ao menos aparecer como um ente da espécie humana, e poder alcançar um emprego no seu país. Destarte, circunscrito em tão curto estádio, estranho à nacionalidade, e sem o incentivo da glória, ia este povo vegetando oculto, e arredado da civilização. (p. 28-29)

E continua, agora afirmando a longa duração daqueles mesmos problemas, denunciando os caminhos errôneos que tomava o Estado em construção:

A Deus não praza que esse perigoso fermento que entre nós gira, esse gérmen de discórdia, ressaibo ainda de não apurada educação, e sobretudo a escravidão, tão contrária ao desenvolvimento da indústria e das artes, e tão perniciososa à moral, não impeçam sua marcha e engrandecimento. (p. 29)

Gonçalves de Magalhães escrevia o *Discurso* já distante do perigo da recolonização, não nos esqueçamos que Pedro I havia morrido em 1834. Seu objetivo era o de afirmar que a independência política necessitava ser acompanhada de uma reforma nos espíritos.¹⁵ Aludia para a permanência da mentalidade arbitrária e francamente exógena daqueles que então governavam o Império do

¹⁵ Estamos de acordo com uma das teses centrais do importante trabalho de Roque Spencer, a saber, a idéia de que Magalhães buscava revolver a mentalidade dos homens e mulheres que habitavam o Império do Brasil, pobres e ricos, governados e dirigentes, senão vejamos – “Trata-se de encetar uma reforma espiritual inteira da sociedade brasileira, sob a égide da filosofia espiritualista e do romantismo ‘comedido’(...)”. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 73.

Brasil. E alertava que, cá no Brasil, existiam pessoas gabaritadas para interpretar lógicas que presidiam os antigos e os novos movimentos do mundo, **historicidade**.¹⁶

A partir desse quadro, Magalhães recorre à noção de herói, mas não com a intenção de afirmar a existência de seres capazes de alcançar a substância que forma o Universal, o próprio Infinito. Todo o contrário. O herói, poeta ou não, é, no Romantismo de Magalhães, repleto de abismos e de impossibilidades, verdadeiro melancólico.¹⁷ Sobre ele caíam as responsabilidades pela civilização dos habitantes do Império, em especial dos dirigentes do Estado em construção.

O poeta em Magalhães, herói melancólico, flutuava entre esperança e ação, por um lado, e apatia e reclusão pelo outro. Todavia, não mais a flutuação vertical típica de certo Renascimento (o de Picco della Mirandola) e de determinado Romantismo idealista, nos quais o dito desequilíbrio era rompido por um eu hipertrofiado capaz de abandonar os limites do corpo, lançando-se seguramente para fora ou para dentro. Movimento esse que não partia da finitude, indo, sim, contra ela. Gonçalves de Magalhães abandonava a desmedida que o levaria, de uma vez por todas, para fora do mundo¹⁸. Ernildo Stein nos apresenta um valioso ensaio capaz de dizer o que vem a ser o sentimento moderno de melancolia que pensamos tomar a alma de Magalhães.

A melancolia é um destes dinamismos do espírito que, pela sua ambivalência e co-origenária radicalidade, revela um parentesco com a questão da finitude, do ponto de vista ontológico-existencial. Este o motivo por que ela representará um subsídio importante para desenhar o horizonte no qual enfoca a finitude como instância decisiva do pensamento ocidental (...) o movimento pendular da melancolia, entre

¹⁶ Essas pessoas eram, especialmente, os literatos. Em outros textos posteriores ao *Discurso* (1836), Magalhães equilibra, digamos assim, os deveres e méritos em relação ao exercício de se construir a reta Nação brasileira. Ganham destaque as figuras do filósofo e do historiador.

¹⁷ Segundo Torres Homem, faltava aos antepassados poetas de Magalhães a “eterna melancolia do pensamento moderno”. Apud., BARROS, R. S. M. de, op. cit., p. 76. Aliás, o próprio Magalhães afirma no poema “Suspiros poéticos” – “Mensajeiro de dor, ah, não visites/ Outros lugares que o prazer inspirem./ Cansa o prazer ao homem quando é longo,/ Mas tu, melancolia, jamais cansas/ A quem d’alma os arroubos saboreia”. MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 220.

¹⁸ Cf. GREENE, T., [S.d.].

inércia e dinamismo, transforma-se numa força paradoxal. E, precisamente a atmosfera gerada por este antagonismo interno converte-se em lugar privilegiado para a experiência da finitude. A inércia e a resistência ligadas ao dinamismo e à transcendência tomam, nesta aliança paradoxal, um caráter positivo. Esta a positividade que procuro descobrir no questionamento da finitude. Ponto de resistência, o finito é o *topos* privilegiado para a transcendência. Sem a resistência, a transcendência perderia seu ponto de partida; com a resistência, porém, a transcendência jamais chega à sua plenificação, porque é cortada em seu fluxo. Sem a transcendência a resistência permaneceria opaca e inerte; com a transcendência, entretanto, ela adquire uma mobilidade e translucidez.¹⁹

Pois bem, num primeiro momento Magalhães se punha entre a vida e a morte, entre o vazio e o sentido. Na busca do Infinito por pouco não deixou de acreditar na necessidade de se partir desde a própria condição humana, a saber, a finitude, para dela, enquanto ser vivo, nunca se libertar. O poeta se interrogava, auto-refletia, sofria, preferia a morte, quase se entregara. Todavia, qual a fênix, renascera pleno de esperança, de fê na plenitude, naquele que tudo sabe - Deus. Passa a apostar em sua missão frente aos outros homens, qual seja, a de construir relações ordenadas capazes de sustentar o progresso moral. Um lugar social que permita ao poeta uma aproximação cada vez maior àquilo que é puramente justo, belo e verdadeiro. Um débito com a Perfeição. Potencializar seus atributos, dádivas daquele que permitiu a vida. Porém, não obstante, está sempre envolto em mistérios insolúveis, em angústia.²⁰ Vejamos partes de um poema de Magalhães:

¹⁹ STEIN, E., 1976, p. 12-13. Ver, também, a metáfora da pomba que Ernildo Stein toma emprestada a Kant e os devidos comentários. Primeiro Kant: “A leve pomba, enquanto, em seu livre vôo, corta o ar cuja resistência sente, poderia imaginar que ainda mais sucesso teria no vácuo”. Apud. Id., 2002, p. 159. E agora, o comentário de Ernildo Stein – “Kant procura mostrar, com esta alegoria, como a metafísica, demasiadamente confiante na razão humana, pensa poder abandonar o chão da experiência, a que o homem, em sua condição de finitude, está vinculado, para movimentar-se no mundo da abstração e da especulação em que não existe a possibilidade do apelo à experiência.

Se atentarmos para o sentido da alegoria, podemos descobrir nele um enfoque positivo da finitude. A finitude não é um elemento negativo da condição humana. Ela é a própria essência do homem. Sem ela o homem não seria homem. Se assim é, todo o vôo que quisesse deixá-la de lado deveria ser considerado como uma tentativa que não respeita a finitude. Não que a finitude deva ser abandonada, mas sim o vôo que não quer suportá-la. Vista de outro ângulo, a finitude com sua resistência é, antes de mais nada, aquilo que possibilita o vôo; querer eliminá-la seria a própria impossibilidade do vôo”. Ibid., p. 159-160.

²⁰ A finitude enquanto lugar de partida para a experimentação do mundo, da reflexão e da inventividade. Segundo as palavras de Márcio Suzuki a respeito da poética de Schiller: – “A poesia

“Quanto mais penso, mais creio/ Neste mistério profundo;/ E a mim mesmo então pergunto:/ Para que vim eu ao mundo?/ (...) Soa essa voz em meu peito/ Como em caverna profunda,/ Como um suspiro exalado/ Pela vaga gemebunda./ Para a dor, me diz, nasceste;/ Para a dor, para o tormento:/ Teus males só terão termo/ Co’o teu último momento./ Sofrer, tal é meu fado! – Eu me resigno./ E que (...) hei de fazer? – Curta é a vida.../ E quem me tolhe que eu de todo a encurte?/ Não serei livre de lançar por terra/ Um fardo que me acurva, um fardo inútil?/ É a vida para uns néctar suave,/ Tóxico é para mim; - devo tragá-lo?/ Acaso Deus me disse:/ A ti toca sofrer por mil que gozam./ Mas eu blasfemo, ó céus! Que voz me grita:/ ‘Mortal, olha o que fazes! Contra a vida/ Não ouses atentar. Quem vida deu-te/ Só quando lhe aprouver tirar-ta pode. (...) A sorte choremos,/ Que avessa nos é,/ Mas não blasfememos,/ Vivamos co’a Fé.(...) Ó minha alma, tu és como a lanterna/ Do cemitério,/ Que ante o altar, sobre um esquiife solta/ Palor funéreo.²¹

Num primeiro momento o poeta pensa, e quanto mais o faz mais escuridão encontra. Olha para o mundo de fora e vê pessoas felizes, pensa que não merece viver. “Curiosos peregrinos” são aqueles que tanto sofrem e que clamam pela morte. São almas que enxergam sob o dito real as camadas inesgotáveis de mistério, razão pela qual o poeta quer pôr fim à própria vida. Senti sua irremediável incompletude. Num outro momento encontra-se com a finitude, resolve caminhar, abandona o desejo de morte. Opta pela vida, mas sua alma permanece uma “lanterna” em meio às mais espessas trevas “funéreas”.²² Os heróis passam a ter

sentimental parece provir do esforço de querer ir além, sem contudo jamais poder chegar à sua meta suprema, pois não é somente empenho infinito, mas também reflexão e sentimento. Empenhando-se pelo Ideal, é, paradoxalmente, a condição e a impossibilidade de alcançá-lo. E precisamente nisso consiste a atividade poética sentimental: “é a *conditio sine qua non* do Ideal poético, mas é também um eterno impedimento para ele”. Apud. ZILBERMAN, R., 1999, p. 111.

²¹ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 249 passim. Ver também, no mesmo livro, os poemas - “As Ruínas de Roma” e “Uma Noite no Coliseu”.

²² Não desejo afirmar que, segundo Magalhães, o poeta é igual a todos os outros homens. Busco, pelo contrário, mostrar uma superioridade humana do poeta auferida a partir do encontro com a finitude, e isso, graças à auto-reflexão. Deixo claro que a poesia em Magalhães traz consigo uma forte carga moralizante, contudo, não está para além de críticas. As Odes que constrói o autor fluminense estão repletas de lições sobre o belo, o bem e a verdade, porém, por outro lado, qualquer produção do poeta não é capaz de romper o mistério constitutivo à vida finita dos homens. Senão vejamos: “Quem tu és? a que fim vieste ao Mundo?/ em alta voz a terra me pergunta./ Ó que é força mostrar aqui meu nada!/ É força despojar-me deste orgulho,/ que das salas dos Reis, contagiados os loucos cortesãos trazem ao campo.../ Eu terra sou; mas terra organizada;/ em mim abita um ser incorruptível,/ uma potência, ou força, que me anima;/ alma se chama, e pensa e delibera,/ e livre quer, e o corpo lhe obedece./ Eis quanto sei de mim; o mais ignoro./ O que hei de vir a ser, dizer não posso,/ não é dado aos mortais prever futuros; mas da esperança um sopro nos afaga”. Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 16. E continuando em sua finitude – “De mortal palidez me tinge o rosto./ Ah! tudo em mim da noite é fiel

uma missão enquanto humanos e finitos, enquanto seres repletos de dor e de dúvida, qual seja, viver e permitir que os outros, finitos como ele, façam o mesmo. Todos devem caminhar juntos para o encontro com a Perfeição. Fiquemos com um trecho de um outro poema de Magalhães, no qual a escolha pela vida significa a revalorização do lugar natal, das imagens, dos símbolos e das pessoas que possuem sentido, a Pátria.

Já que do coração rompestes os seios,/ Onde terna saudade te gerara,/ E quando mais minha alma nas da Pátria/ Idéias se engolfava,/ Da clausura do peito te escapaste,/ Onde mais não cabias,/ Fugitivo roçando inertes lábios,/ Triste suspiro meu!... Já que teu eco/ O silêncio quebrou misterioso/ Do sepulcral horror deste recinto;/ Sai, ó suspiro! sai... Não mais ressoes,/ Inútil! te não percas,/ Nestas longas abóbadas quebradas,/ Murmurando tu só de estância em estância,/ Como um lúgubre som de ave noturna,/ A quem prazem as trevas, e os destroços. (...) Voa, suspiro meu, voa, não tardes;/ Núncio vai ser do estado em que me deixas./ O caminho te indico; aos ares sobes;/ Deixa de Roma os solitários campos,/ Esta terra de sangue, e de cadáveres,/ E às praias chega da querida Pátria,/ Tão longe praias! – Quem me dera eu vê-las! (...) Sobe o Simplão; penetra as galerias;/ Se o nome do Brasil na pedra achares,/ Minha mão o gravou, beija esse nome./ Noutra pedra verás meu nome escrito,/ Se os gelos o não cobrem;/ Sentado aí subi meus pensamentos/ Té ao trono de Deus, e pela Pátria/ Dirigi-lhe meus votos (...) Ó meu suspiro, se acabar pudesses/ Entre outros mil suspiros confundido/ Nessa triste mansão! – Mas não, tens ainda/ De dar tua mensagem (...) Resupino, grandíssimo gigante/ Ao longo assoma, e do Janeiro a barra/ Ao viajor cansado patenteia?/ Igual outro não há; errar não podes./ Aí é que te eu mando;/ Essa é a pátria minha, a Pátria amada,/ Que a vida deu a quem me deu a vida!/ Aí respira ainda a mãe anosa,/ o encarnecido pai, e irmãos queridos!/ Verás se para amá-la razão tenho! (...) Como o ome de mãe, de pai, de amigo;/ E a mãe, e o pai, e o amigo inda que pobres/ A um nobre coração gratos são sempre.²³

O poeta não abandona a dor, a sensação de incompletude, entretanto, encontra algo pelo qual vale a pena viver, esse algo é a própria trajetória, a Pátria.

cópia;/ eu toda noite sou; sou mais ainda./ Só eu, ó Noite, vigilante existo,/ entregue a tua escuridão medonha;/ só eu te prezo e te prefiro ao dia./ O dia por mais belo que ele seja/ nenhum prazer oferece aos olhos tristes/ de um mortal, como eu, angustiado”. (“As Misérias do Gênio”). Ibid. p. 17.

²³ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 293 passim. A idéia de pátria em Magalhães remete-se a dois significados distintos. Ao acúmulo de presenças que, anteriores à vida singular, tomam o indivíduo e o auxiliam na construção de cotidianos. E à uma meta que para ser cumprida necessita de um movimento constante de diálogo, capaz de construir regras morais estáveis, porém não irrefutáveis, enfim, uma comunidade imaginada por todos assentida (significativa a todos os indivíduos que a compõem).

Não mais se deve suspirar inutilmente, diz Magalhães. O “lúgubre som da ave noturna” sede espaço às tão longínquas “praias (...) da querida Pátria”. O sentimento de não pertencimento, de deslocamento em relação à vida, agora, a partir do olhar renovado, saudoso sobre a Pátria, é amenizado. Recorre-se à memória, à lembrança daquilo que escondido e do esquecimento necessário. Aproximar-se dos símbolos representava, para o poeta, a redescoberta de si mesmo em meio à escuridão da existência, de seu cotidiano, uma retomada de força desde a consciência de humanidade. É como poder se livrar do “gelo” para poder reconhecer-se, encontrar seu nome. Os elementos do classicismo em nada podiam auxiliar o poeta em sua longa e difícil caminhada por entre a finitude. A saudade “permite” recobrar tradições, imagens que fundo diziam ao coração, que o acompanhavam e auxiliavam-no, também, nas dolorosas reflexões metafísicas. A Pátria é o céu alvo, as praias, o canto dos sabiás, mas confunde-se, também, com o porto do Rio de Janeiro, com a mãe, com o pai, com os irmãos, com tudo aquilo que lhe vêm à lembrança e que pode, mesmo que com muitos limites, pois “inda que pobres”, permitir reflexão, gratidão e certo sentido a um coração melancólico.

Melhor dizendo, o poeta abandona o desejo de morte, lança-se angustiado à vida. Flutua entre desespero e regozijo. Não aceita a pura felicidade, pois reconhece que ela não pertence a ele, está **fora**. Ao viajar para a França em 1833, sente o que até então não havia percebido, e se antes tudo era puro sofrimento, fuga do mundo, após *A Tempestade* que enfrenta em alto mar entrega-se às suas lembranças, àquilo que faz sentido e que requer a sua atenção – a sua vida, a sua Pátria. A partir de então, se movimenta no mundo assim como a pomba de Kant no ar. Busca preencher de sentido uma finitude que não se esgota, caminha apenas porque humano. Vejamos o momento em que se abre para o movimento do mundo e que se entrega à Pátria e ao Senhor, para deles não mais se afastar:²⁴

²⁴ A partir de então, Magalhães passa a ver Deus como um ser inatingível em sua bondade e sabedoria. Sente-se devedor de sua generosidade. Decide viver e potencializar os atributos que a ele foram permitidos; não mais contesta. Daí a necessária religião, melhor dizendo, o *religare*. O Infinito o tinha criado para caminhar, com liberdade, desde a finitude em direção ao reencontro tão esperado;

Aqui, neste Oceano,/ Sem que sequer um só prazer desfrute,/ Tudo é horror, e um vasto cemitério./ De cada lado gigantescas vagas,/ Irritadas elevam-se, curvando/ Sobre o navio que sem tino vaga./ Negras nuvens do sol a face enlutam;/ Soltos trovões se embatem, troam, bramam;/ Rijo sibila o vento nas enxárcias;/ Ante a proa em montanhas espumosas/ Se pulveriza o mar, roncando horrísono (...)/ Que horror, ó céus! Que sorte nos aguarda (...)/ Se é nossa estrela que morramos todos./ Quero ser o primeiro/ Em quem, ó ondas, sacieis a fúria (...)/ Como filhos rebeldes./ Que os são conselhos paternos desprezam,/ Zombam mesmo dos pais, e de delírio/ Em delírio à desgraça se encaminham;/ E quando já no poço da miséria/ Lhes brada a consciência,/ Então os pais invocam;/ E se os pais os não salvam, ali morrem./ Tu és pai, ó meu Deus! Misericórdia! (...)/ Glória! glória ao Senhor! estamos salvos!/ Desaparece a morte,/ Raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplanam!/ Glória! glória ao Senhor! estamos salvos! Afaga-me a esperança,/ Que renasce no fundo de minha alma,/ Como a fênix das cinzas./ Ó Pátria, serei teu; minha existência/ Ao louvor de meu Deus, a teus louvores/ De ora avante a consagro.²⁵

Pois bem, o poeta Magalhães, de uma vez por todas de volta à vida, ao mesmo tempo em que sublinhava imagens míticas da Natureza, não deixava de revelar em seu movimento de valorização da Pátria a preocupação Romântica com os problemas mais profundos. A natureza em Magalhães deve ser vista, assim, como lugar misterioso fundamental à auto-reflexão - problematização das certezas do “eu”, assim como das mazelas da civilização. Questões que não eram apenas do poeta, num vôo de subjetividade que criava, tão somente, imagens fantasmagóricas.²⁶

momento que, ao fim e ao cabo, a Deus pertence. Teremos a oportunidade de voltar a esse tema ainda durante o presente capítulo, mais precisamente na segunda e terceira partes.

²⁵ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 367 passim.

²⁶ Diferente de Magalhães, Victor Cousin e certo Romantismo entendiam o poeta como sujeito detentor da verdade, homem que se punha além das críticas. O filósofo francês assim define o vate – “Exprimindo a verdade, o filósofo exprime, no fundo, também a beleza, já que ambas são faces diversas do mesmo ser; exprimindo a beleza, o poeta exprime a verdade, pela mesma razão”. Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 83. Em relação ao Romantismo e à sua visão do poeta, do gênio, enquanto descolado do mundo da cultura e da matéria, criador do real, revelação a que chega via experiência racional e/ou mística de contato com o que é Perfeito, segundo Jobim: “O termo *subjetivismo* é com frequência usado para designar uma das características do Romantismo. Quando empregado para este fim, significa que, naquele período literário, há uma focalização do indivíduo, visto como fonte de propósitos, sentimentos, ações e argumentos. Existe um destaque da condição de ser pensante do homem, de sua capacidade de elaborar projetos e sonhos pessoais (e de agir intencionalmente para que se tornem realidade). Valoriza-se sua aptidão para formular e compreender as razões de suas próprias ações, ter sentimentos em relação ao que está fazendo e às pessoas com quem convive, bem como para modificar o mundo através da ação individual”. JOBIM, J. L., 1999, p. 133.

Resumindo em breves linhas, ao poeta era necessário o trabalho intelectual. Dedicava-se às suas questões metafísicas, porém tinha de se empenhar o quanto pudesse, refletindo profundamente sobre os problemas que o rodeavam, logo, os que diziam respeito a uma determinada coletividade que o autor fluminense chamava de Pátria.²⁷ Magalhães nos está comunicando o verdadeiro papel do poeta, a saber, converter os outros à mesma **atitude reflexiva**. Atitude finita, porém necessária à preservação do indivíduo, ao bem viver coletivo e à glória do Senhor. O autor da *Filosofia da Religião* alerta que apenas o homem culto e livre em suas reflexões é capaz de superar os desejos do corpo e buscar a reta moralidade, qual seja, o ser para o outro desde um “equilíbrio social” que possibilite o suportar produtivo da vida, da própria finitude. Pois bem, é a liberdade que funda a vontade²⁸ e a construção da moralidade devida.²⁹ Como afirma Roque Spencer – “essa missão que, para ele, era o essencial da poesia: falar à consciência moral de seu povo, ofertar-lhe, em versos, uma visão espiritualista e cristã do mundo, do homem e de seu destino”.³⁰ A busca, repito, da auto-reflexão livre. Livre para organizar um viver coletivo ordenado e para pôr-se-a-caminho da Infinitude

Todavia, a coletividade a que pertencia insistia em trilhar o caminho da arbitrariedade e da irreflexão, logo, problemas significativos eram produzidos. Magalhães denunciava a pobreza, o despotismo e, especialmente, a escravidão do índio e do negro. Um Estado-Nação que se constituía sobre frágeis pilares, afirmava o poeta. Acompanhemos:

²⁷ Pois afirma Magalhães – “Eu só desejo voltar para minha pátria, tenho algumas idéias e quero pô-las sobre o papel, e só para isso trabalho. Eu sinto não poder falar ao coração de todos os brasileiros, eu lhes diria a todos os momentos que é tempo de trabalhar e de escrever; a vadiação entre nós é grande e excede a tudo o que se pode dizer; ela é a causa de tanta vaidade, e de tanta crítica ignorante, que envergonha”. MAGALHÃES, D. J. G. de, 1964, p. 55.

²⁸ Vontade enquanto capacidade de escolha via auto-reflexão. O oposto, portanto, de desejo, que é a subserviência irrefletida e completa ao corpo, às paixões. Esquecimento de si e do outro, logo, desordem.

²⁹ A moralidade devida parte, como já vimos, de uma atitude reflexiva inegociável, portanto, de autonomia, assim como da consciência de finitude que apresenta o diálogo, necessariamente, como justo lugar para a construção das regras sociais.

³⁰ BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 80.

Tu (saudade), que n'alma te embebes magoada,/ Melancólica dor, e gota a gota/
Vertes no coração tóxico acerbo,/ Que entorpece a existência, e a vida rala!/ Tu,
tirana da ausência, que retratas/ Em fugitiva sombra, em negro quadro/ a imagem do
passado;/ Que ao filho sempre a mãe anosa antolhas,/ A pátria ao peregrino, o amigo
ao amigo,/ o esposo à esposa; e ao malfadado escravo,/ Que sem futuro pelo mundo
vaga,/ Mostras a liberdade, e o lar paterno;/ E a cada simulacro que apresentas/
Com farpado agulhão rasgas o peito/ do triste que te sofre;/ E nos olhos sanguíneos,
encovados,/ Não lágrimas distilas,/ Mas fel, só atro fel, bárbara, espremes./ Ó
saudade! Ó martírio de alma nobre!/ Malgrado o teu pungir, como és suave!/ Como
a rosa de espinhos guarnecida/ Aguilhoa, e apraz co'o doce aroma,/ Tu feres, e
mitigas com lembranças./ Mas ah! o teu espinho ainda é mais duro;/ e essas tuas
lembranças são falaces,/ Flores são que o pinhal de Harmódio cobrem.³¹

Como afirma Roque Spencer, o Romantismo “moderado” de Magalhães não o faz isolar-se do mundo e dos problemas que o envolviam, aliás, todo o contrário.

O romantismo, por sua vez, ‘moderado’ nos seus eventuais exageros pelo próprio ecletismo, ainda que ‘importado’, é um apelo à consciência nacional para que se descubra, para que se volte para os seus próprios problemas e paisagens, para que chegue ao universal pela via do individual e do nacional. A ‘união espiritual com a França’, assim, representa mais do que um rompimento simbólico com o País colonizador e dominador; significa uma abertura para o desvelamento de um “eu” (ou de um “nós”) nacional, um convite à auto-consciência e à auto-reflexão do espírito.³²

O movimento para dentro proposto por Magalhães significa atenção aos mais profundos problemas da alma individual, todavia, como podemos ver, cuidado com o que está fora, com os outros que co-habitam, com ele, o mundo. Criticava os delírios dos poetas fascinados pelas imagens abstratas oferecidas pelas Musas do parnaso, assim como se punha radicalmente contra a instituição escravidão. Propunha, enfim, cuidado com o entorno fundado na atividade livre e inalienável da auto-reflexão, assim como no diálogo e nos acordos sempre problemáticos que dela provinham.³³

³¹ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 343 passim.

³² BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 64.

³³ A idéia de se viver a partir da finitude, procurando desenvolver todas as potencialidades – valorização do **estar-no-mundo** com os outros, é uma característica muito forte do pensamento de

Ocorre que, diferente da filosofia racionalista de Victor Cousin, a auto-reflexão em Gonçalves de Magalhães conta com a presença constante do mistério, pois, “*muito mais do que o seu mestre Cousin, que queria tudo penetrar pela razão, para quem o ‘Deus absconditus era um contrasenso, Magalhães insiste no impenetrável e no indescritível’*”.³⁴ Afasta-se, também, como já dissemos, de certo Romantismo místico propagado por homens como Schleiermacher, valorizando a razão, a observação e a experimentação, o que o faz criticar, também, o Romantismo vanguardista francês, representado especialmente pela figura de Victor Hugo e pelo culto ao grotesco. Em relação ao teatro Romântico francês afirma Magalhães em carta endereçada a Monte Alverne:

Os poetas estão aqui empenhados em explorar a mina da meia-idade, fatigados com as idéias antigas, e não podendo quase marchar na estrada de Racine e Corneille e Voltaire, eles calcam todas as leis da unidade tão recomendadas pelos antigos; as novas tragédias não têm lugar fixo, nem tempo marcado, podem durar um ano e mais; o caráter dessas composições é muitas vezes horrível, pavoroso, feroz, melancólico, frenético e religioso. Os assassinios, os envenenamentos, os incestos são prodigalizados às mãos largas, mas nem por isso deixam de ter pedaços sublimes. Os principais trágicos são De Laragotine, Alexandre Dumas, Victor Hugo. esses poetas chamam-se românticos.³⁵

O herói, poeta ou não, não é, assim, maior do que sua historicidade, pois pode acabar sendo subjugado pelo seu entorno. Esse ser não é psicologicamente orientado todo tempo, melhor dizendo, ele não é capaz de, quer através de contato místico ou mesmo racional, ascender ao que é plenamente verdadeiro, ao Bem.

santo Tomás de Aquino, autor com o qual Magalhães teve contato via Monte Alverne. Acompanhem as palavras de Alceu Amoroso Lima sobre a reflexão de Santo Tomás– “Nem confusão, nem separação, nem paralelismo e sim subordinação relativa da vida ativa à vida contemplativa e união final de ambas – quando passamos da vida meramente humana à vida cristã, isto é, quando subimos da ordem da natureza à ordem da graça – pela *vida apostólica* que é, segundo Santo Tomás, a forma mais perfeita de vida, pois – ‘assim como é melhor iluminar que apenas olhar para a luz, assim também é melhor dar aos outros os frutos da própria contemplação do que apenas contemplar’”. LIMA, A. A., 1938, p. 13.

³⁴ BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 89.

³⁵ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1964, p. 16-17.

O aparecimento de um grande homem é uma época para a história; e semelhante a uma jóia preciosa, que só possuímos quando podemos possuí-la, o grande homem jamais se apresenta quando não o merecemos. Ele pode existir no meio de nós sem ser conhecido, sem si conhecer a si mesmo, como o ouro nas entranhas da terra, e só espera que o desencavem para *adquirir o seu valor; e a incapacidade que o desconhece o anula. Empreguemos os meios necessários, e teremos grandes homens.* (p. 27) (Grifo próprio)

Vemos que esse gênio depende de estar num *locus* que o estimule, logo, que permita o diálogo, que não seja arbitrário, absolutista. Precisamos fazer-nos merecedores da presença daqueles homens que atuam e pensam com significativa radicalidade. Mas para isso é necessário que também pensemos, que também atuemos, que nos permitamos o diálogo e entendamos a finitude humana como constitutiva e como ponto de partida. Ao fim e ao cabo, os grandes homens são construídos por grandes pactos coletivos capazes de permitir o contínuo uso da razão, a configuração de normas, enfim, de resguardar as individualidades dentro das coletividades, e essas dentro daquelas.

Em Gonçalves de Magalhães o poeta reflete atento ao movimento do “real”.³⁶ O sujeito poético constrói mundos, promove diálogos a partir da reflexão e da observação, e por que não, em especial em Magalhães, experimenta e acorda.

A construção de mundos se dá a partir do elemento *diferença*.³⁷ Em Gonçalves de Magalhães a diferença significa o abandono da crença na possibilidade do homem, poeta ou não, de realizar um perfeito encontro entre natureza e entendimento. Como veremos mais abaixo, o poeta, segundo Magalhães, é um **ser-a-caminho**, forma em movimento, que, por vezes, se impacienta e se desespera com sua finita capacidade de compreensão.

A preocupação, todavia, em observar o que ocorre ao seu redor, e de atuar nele sem se deixar subjugar, revela a relação, tensa que seja, entre a produção de

³⁶ “Portanto o que Schlegel dizia expressamente a propósito da poesia romântica vale de igual para o sujeito poético: ele não é, torna-se progressivamente; está obrigado a um devir que tampouco tem fim, pois realiza em si ‘um movimento que não pode atingir uma meta, que nunca conduz à coincidência com o incondicionado, mas torna patente mesmo os limites, a contradição, a tensão entre o finito e o infinito”. LIMA, L. C., 1989, p. 107.

³⁷ LIMA, L. C., 1989, p. 109-110.

conceitos, ato em parte abstrativo e inventivo,³⁸ e a adequação deles aos devidos espaços mundanos, aos espaços dialogais, atitude observante e experimental. Enfim, o homem, poeta ou não, ao construir significantes, está presente no mundo, dialogando com ele e, em última instância, em função de sua historicidade, transcendendo-o.³⁹ Vejamos que o vate...

De mágico poder depositário,/ Qual um gênio entre os homens te apresentas./ Ante ti não há rei, nem há vassalo./ Tu nos homens só vê virtude, ou vício./ Como um déspota, ufano em teus delírios,/ Uns cercas de imortal auréola tua,/ Outros condenas ao opróbrio, e à morte./ [...] Umás vezes soberbo, impetuoso,/ Qual águia que sublimo o céu devassa,/ E do céu sobre a terra os olhos desce/ Teu ígneo, alado gênio, no ar suspenso:/ Não, ó mortais, não vos pertença, (exclama)/ Eu sou órgão de um Deus; um Deus me inspira;/ seu intérprete sou;/ ó terra! ouvi-me./ [...] Oh, como é grande o Vate, que arrojado/ Da terra se ergue como labareda,/ E vagando no céu como um meteoro,/ Dos lábios solta a voz, e vibra em raios,/ Que o vício e o crime ferem, pulverizam! [...]

Pura instauração de mundo, porém:

Ah, não profanes o teu gênio, ó Vate!/ O incenso só no altar queimar-se deve!/ Em lago impuro não se banda o cisne,/ Que manchar teme a cândida plumagem./ Imita o cisne; e como sempre as flamas/ Sobem ao céu, ao céu teus hinos subam./ [...] No dia em que da lira sons forçados/ Venderes ao tirano em troco de ouro,/ nesse dia o céu deixa de inspirar-se;/ Quebra essa lira, e cessa de ser Vate./ Quando a virgem do sol seu voto infringe,/ Vedado lhe é tocar no sacro fogo;/ D'alva c'roa de flores a despojam,/ Adornos de vestal, e o nome perde;/ Assim quando uma vez, ó Vate, atende,/ Venais hinos os lábios teus verterem,/ Deixarás de ser Vate; arranca a c'roa./ E co'o selo do opróbrio entra no mundo. Opróbrio ao Vate que profana a lira!/ Opróbrio, infâmia a quem insulta o Vate.⁴⁰

³⁸ Segundo Magalhães: “O poeta independente, diz Schiller, não reconhece por lei senão as inspirações de sua alma, e por soberano o seu gênio”. Só pode um poeta chamar-se grande se é original, se de seu próprio gênio recebe as inspirações. O que imita alheios pensamentos nada mais é do que um tradutor salteado...”. MAGALHÃES, D. J. G. de, 1980 [1836], p.38.

³⁹ O transcender do poeta, ou de qualquer outro herói, é a própria afirmação da **humanidade** do mesmo. Ele, não tendo acesso à Substância, pois é finito, cria. Cria a partir de sua relação problemática com o mundo, com o outro e consigo mesmo, aceitando, na medida do possível, o *mundo*. Criação que instaura o estatuto constitutivo da diferença e da necessidade de diálogo. Diálogo que deve ocorrer na *polis*, buscando aproximar as diversas, porém não contraditórias, mundividências.

⁴⁰ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 61 passim.

Conforme vemos, o vate não deve ser reverenciado todo momento como puro, logo, não é a própria Infinitude, aliás, muito longe dela está, já que sobre a Providência Magalhães afirma ser, em outros versos, o que tudo sabe, o que é plenamente bom.⁴¹ O poeta corre o risco de ser tocado pela avareza. Sujeito ao mundo, ele é um *ser-a-caminho* vivendo em meio à matéria e entre os homens, entre os valores que o livre arbítrio destes últimos é capaz de construir. A natureza e os seus mistérios insolúveis tratam de dar cabo da soberba do vate, de “emudecer” aquele que por isso “foge”, “gemendo” e “comparando-se ao verme”, pois: “*Outras vezes, nas selvas meditando,/ Sobre um tronco assentado, junto a um rio,/ Que embalança da lua a argêntea cópia;/ Como entre as folhas sussurrante vento/ Gemer parece, e de algum mal carpir-se,/ Tu gemes, e co’o verme te comparas,/ Que arrasta pelo chão a inútil vida;/ E vês nas águas, que a teus pés deslizam,/ A imagem de teus dias fugitivos./ [...] Quando ouve o sabiá troar nas várzeas/ do fero caçador a mortal alma,/ Sufoca o sabiá seu canto, e foge:/ Assim tu emudeces, quando estruge/ Da civil guerra, e da discórdia o grito...*”.⁴²

O poeta equivoca-se e seus erros devem ser publicizados e refutados. Todavia, o vate é aquele capaz de radicalidade e de inventividade, lugar inalienável da individualidade. Aproxima-se de Deus. Faz valer sua finitude. Dilacerado, porém construtor de mundos mais próximos de consensos avaliados e constantemente refletidos. Humano era o poeta, portanto, necessariamente comprometido com o mundo, assim como, a partir de sua própria historicidade, produtor de radicalidade, de atitude filosófica mediante as imposições despóticas. Vejamos palavras de Torres Homem que afirmam a melancolia do poeta, porém,

⁴¹ Aqui temos um equilíbrio tenso entre a humanidade do vate e sua preeminência constitutiva. Tanto o é, que Magalhães deseja “opróbrio” àquele que vai de encontro ao vate. Entretanto, o próprio autor tece críticas significativas a poetas que, segundo ele, estariam participando da *imoralidade* mais pérfida. Enfim, as repreensões necessárias deviam ser feitas, porém, para se apontar os equívocos do poeta era fundamental compartilhar da radicalidade de sua visão. Radicalidade que significa atitude filosófica, movimento que, segundo Magalhães, poucos estavam preparados para empreender. Aqui, claramente, o autor do *Discurso* demonstra que sua noção de diálogo remete-se a não muitos. A alguns privilegiados, todavia, conquista que se dava através de muito trabalho e dedicação, e não mais pela posição social e/ou pela nobreza do sangue.

⁴² MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 61 passim.

sobretudo, o necessário cuidado com o mundo, condição *sine qua non* ao resguardo das individualidades.

A incerteza da duração da existência, que como um contrapeso conserva-nos suspensos no meio das ilusões da vida, era assunto que naturalmente devia oferecer-se à meditação do poeta. No momento mesmo em que o mundo vacila em torno de nós, em que os mais descorados objetos se tingem de brilhantes cores, em que uma superabundância de vida parece transbordar do nosso seio, e vivificar tudo o que nos cerca, a onda rápida vai passando, e de quimera em quimera nos lança fora do nada da existência, quando cuidávamos colher a flor prometida pela esperança. O canto do Cisne diz a essa fragilidade da vida com uma simplicidade profundamente tocante, e com aquela harmoniosa tristeza de meditação, que corresponde ao que há de mais vago, de mais indefinido, e ao mesmo tempo de mais íntimo em nossa alma.⁴³

E continua Magalhães a nos falar da importância da literatura, da poesia, como lugar de encontro na e de ante da vida - “...e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra com todas as suas instituições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fora o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade”(p. 24). Percebemos, assim, o quanto Magalhães está preocupado em construir um lugar que chamo de *mundo*, lugar esse no qual as pessoas, a partir de suas “instituições, crenças e costumes”, pudessem dialogar e promover um entendimento problemático capaz de reproduzir permanências e permitir o novo, algo que inviabilizaria as escravizações civil e política. Vejamos palavras de Torres Homem acerca de que mundo era necessário des-construir, uma vez que aquele em que viviam estava dominado por despotismos e, conseqüentemente, por imoralidade.

Cada dia que corre, receamos seriamente ler nas gazetas que, por mandado da sábia e liberal administração, o fogo fora lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da inteligência e da civilização. Ao menos haveria nisso o mérito de um sistema de trevas logicamente combinado, e aquela beleza da desordem perfeita, que os antigos estamparam no semblante das fúrias. Onde estão esses ilustres regeneradores, que um belo dia declararam à face do país que o homem nascera

⁴³ Apud. MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 34-35.

filósofo, e que o estudo da ciência e das letras era pura quimera? Por detrás dos homens atuais não estão escondidos outros homens; o que hoje fere as vistas no Brasil não é uma exceção, é porém sim o estado geral das idéias, provenientes do ceticismo moral, da indiferença para o bem e para o mal, da nulidade dos caracteres estranhos a todos os nobres sentimentos, e votados a um duro egoísmo, e alfim [sic], da extinção dos sentimentos religiosos, que são o contrapeso das humanas loucuras.⁴⁴

A partir das palavras de Torres Homem, podemos nos aproximar da poética de Magalhães, de seus objetivos em relação à sua Pátria. A Nação em construção necessitava de reformas estruturais, uma vez que os espíritos despóticos e arbitrários se reproduziam no Império do Brasil. Um “estado geral das idéias” imprimia direção “cética” e “egoísta”. Torres Homem nos está dizendo que, na verdade, não havia uma Nação nos moldes do plebiscito diário de Renan, melhor dizendo, o Estado estava configurado a partir de desejos arbitrários, distante de acordos mais amplos, havendo, sim, trágicos desencontros. A “indiferença pelo bem e pelo mal” apresenta-se como descuido em relação à coletividade, participação em abstrações não coletivas que nada tem a dizer em relação aos reais movimentos do mundo; crítica à liberdade negativa posta pelos Saquaremas e pelos interesses que representavam, em primeiro plano. “Extinção dos sentimentos religiosos”, dizendo em outras palavras, ausência de uma religiosidade que aponta para a finitude humana, logo, para a necessidade de se congregarem aos outros desde a vida.

Assim, teríamos o tipo “heróico na moral” exclamado na primeira citação de nosso capítulo. Melhor dizendo, os indivíduos abandonariam seus plenos desejos e se aproximariam uns dos outros a partir de uma moralidade que reconhece, ao mesmo tempo, o particular e o coletivo, senão vejamos – “*Cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular, cada árvore seu fruto específico*”. (p.24) (Grifo próprio)

Através da metáfora da árvore que Gonçalves de Magalhães afirma além da autonomia e da singularidade do indivíduo, a materialidade de um *modus vivendi*

⁴⁴ Apud. MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 37.

que possuía logicidade e coerência limitadas e compartilhadas, a própria literatura brasileira. Todavia, uma relação constitutiva entre o mais particular e o mais geral, a necessidade de estar sendo com o outro, próximo ou distante, antigo ou novo.

Então, como nas árvores enxertadas, vêm-se pender dos galhos de um mesmo tronco frutos de diversas espécies; e posto que não degeneram muito os que do enxerto brotaram, contudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quais os distinguem dos outros frutos da mesma espécie. Em tal caso marcham a par as duas literaturas, e distinguir-se pode a indígena da estrangeira. (p. 25)

Como vemos, Magalhães, respeitando a presença de elementos da literatura estrangeira no discurso literário brasileiro, em especial a portuguesa (a árvore), não deixa de apontar para novos significados que forjam uma linguagem literária própria (os frutos), capaz de se referir a situações específicas, de estabelecer nexos de inteligibilidade restritos, “... porque seja qual for a modificação que sofra a literatura, há sempre algum acordo entre ela e as circunstâncias peculiares e temporárias do povo a que pertence e da inteligência que a produz. Assim a literatura é variável como são os séculos; semelhante o termômetro que sobe ou desce segundo o estado da atmosfera”. (p. 25)

O autor se refere, portanto, a uma certa natureza da “civilização”, do “progresso”, a saber, o movimento repleto de permanências e de rupturas. Magalhães afasta-se de uma síntese absoluta, para afirmar o sempre dialético jogo entre tradição e produção particular de sentido. Se aquela estabelece parâmetros e códigos necessários ao desenvolvimento da humanidade, esta acrescenta informações ao *dito*, necessidades do contínuo viver.⁴⁵

⁴⁵ Essa relação entre o dito e o dizer, *grosso modo*, entre tradição e movimento, Magalhães melhor discute no opúsculo - *A Origem da Palavra*. Vejamos – “Questionam os filósofos sobre a origem da palavra. Os que mais profundamente cavaram no assunto dão-lhe uma origem divina, na impossibilidade de explicá-la humanamente [...] Condillac, que tanto nos recomendou a observação, que tanto nos preveniu contra a hipótese, e que, não obstante, recorreu à hipótese do homem estátua para explicar as operações intelectuais, pecando assim contra os seus próprios preceitos; Condillac, para dar uma explicação humana da origem da palavra, supõe duas crianças sem conhecimento algum, abandonadas em um ermo, e as faz entrar em comércio recíproco por meio de contorções, agitações

O movimento de que acabamos de falar é a maneira através da qual os grupos se formam, nesse caso povos, buscando constituir melhores relações de entendimento dentro de si, maximizando a capacidade de construção problemática de solidariedades internas. Como podemos ver, a formação de um Estado se encontra ou não com esse objetivo. Magalhães aponta para a necessidade de atentarmos para aquilo que está acontecendo à nossa volta, para situações específicas, às quais não estaríamos sabendo responder com algum grau de acerto. Quero dizer, se o Estado não estivesse respondendo às necessidades humanas, ele deveria ser transformado, paulatinamente, em favor de uma força maior - a moralidade. Moralidade, em Magalhães, lembremos, é ser com o outro a partir da liberdade reflexiva. É preocupar-se em estabelecer vínculos e normas problemáticas que respeitem a liberdade da consciência e que, ao mesmo tempo, garantam a ordem social necessária à potencialização dos atributos humanos. Movimento que permita ao indivíduo estar-a-caminho de Deus, na medida do possível, feliz. Enfim, essa é a conformação pretendida da Nação brasileira para o nosso autor.

Buscando demonstrar o quanto a conclusão (a Nação) em Magalhães está repleta de movimento, de particularidades (premissas), acompanhem as seguintes palavras.

Cada época representa então uma idéia que marcha escoltada de outras que lhe são subalternas, como Saturno rodeado dos seus satélites; essa idéia principal contém e explica as outras idéias, como as premissas no raciocínio contém e explicam a

violentas e jeitos, e por um salto mortal faz surgir um sistema de sinais convencionais e a palavra, sem advertir na impossibilidade de se estabelecer um sistema de sinais convencionais sem prévios meios para se estabelecer essa convenção, sendo necessário a palavra, como bem disse Rosseau. E como inventariam essas crianças ou o homem a palavra, sendo necessário para essa invenção pensamentos pré-existentes, e para esses pensamentos, palavras pré-existentes à invenção que os constituíssem e comunicassem [...]”. Apud. BARROS, R. S. M. de. 1973, p. 266 (“A Origem da Palavra” – [1844]). Linhas depois, Magalhães aponta para a prévia ação divina ao dotar o homem da possibilidade de inteligência, logo de abstração e criação da *parole*. Todavia, se Deus é quem instaura tal faculdade, o homem, por ser criatura finita, já é em meio a ela, logo, em meio ao que ela já produziu. O indivíduo é, portanto, ele e mais o que está sendo ao seu redor.

conclusão. Essa idéia é o espírito, o pensamento mais íntimo de sua época, é a razão oculta dos fatos contemporâneos. (p. 25)

E antes mesmo que o termo “subalterno” nos leve a quaisquer enganos em relação à possibilidade de síntese definitiva em Magalhães, não nos esqueçamos da qualidade “oculta” do espírito da época. Assim, se o principal objetivo do viver em Magalhães é, dada a impossibilidade de ascensão individual ao todo, o estar acompanhado dos outros produzindo conclusões problemáticas, capazes de responder, parcialmente, às necessidades do tempo, tais conclusões são apenas aquilo que acaba sendo possível e visualizável ao homem. Sendo os particulares (as premissas), ao fim e ao cabo, a única instância a que teríamos acesso, é necessário apostar neles **como se fossem** o próprio espírito do tempo. Um encontro que se realiza num estar-a-caminho.

Chegamos, aqui, à confirmação daquele diálogo necessário entre os homens, movimento responsável pelo aparecimento e sobrevivência dos poetas, melhor dizendo, daqueles todos que constroem mundos – se aproximam do espírito do tempo. Podemos entender que se o acesso ao Universal é interdito ao homem, sendo o próprio Infinito “oculto”, a relação entre o “eu” e os outros acaba se tornando a única possibilidade de se construir uma Nação. E, apenas dentro desse universo, haverá o encontro entre a justa Nação e o devido Estado. Do contrário, o movimento de crítica deve ser contundente. Afirma Magalhães:

Assim é que, brilhando o sol com toda a pompa de sua luz prolífica, parecendo não necessitar de coisa alguma para o complemento de sua magnificência, recebe, contudo, no matiz das flores, na verdura dos montes, no azulado dos mares, novas provas de sua bondade e soberania; desapareça o sol, e não terão os olhos que ver é certo; mas, derrame o sol profusamente sobre árido e estéril deserto, tal como nos pinta a mente essas areias da Arábia, e o que terão os olhos para aí ver, sem flores, sem montes, sem águas que reflitam as belas cores de seus raios? [...] Esses reis que tiveram a ventura de dar seus nomes aos séculos em que viveram tal dita não alcançaram só com os próprios feitos senão também pelo concurso de grandes homens, que como flores esmaltaram o

seu reinado, e de que se eles soubera, aproveitar, tirando-os da obscuridade, e favorecendo-os em suas ciências e artes.⁴⁶

A crítica como podemos ver é elemento essencial à mundividência de Magalhães. Reis e poetas podem e devem ser criticados caso sejam verificadas arbitrariedade e perfídia em suas reflexões. Inclusive o príncipe, figura a que Magalhães nutre grande respeito, também é humano, logo, está entregue à finitude e à possibilidade do erro.

Bem, como vemos, historicidade, diálogo reflexivo e ação se aproximam. Era necessário, segundo Magalhães, que a realidade opressora, a saber, o despotismo do Regresso⁴⁷ (herança portuguesa), fosse rechaçada a favor de nossas próprias naturezas, de nossos próprios cotidianos, daquela historicidade verdadeiramente condizente com o espírito do tempo, já mencionado. O homem é peça importante nesse esquema. Ele pode aprisionar o futuro de povos com suas arbitrariedades, assim como é capaz de, através do diálogo, estabelecer os acordos problemáticos necessários ao bom andamento da vida social e das individualidades. A literatura é lugar de encontro privilegiado, segundo o autor do *Discurso*, entre a tradição e o novo, do que foi dito e das necessidades de se estabelecer referenciais que acompanhem novos movimentos; é atitude filosófica, é moralidade. Afinal, o espírito do tempo é em movimento, *historicidade*.⁴⁸

Gonçalves de Magalhães está buscando denunciar um cotidiano que se instaurou no Brasil, herança colonial portuguesa. O autor se reporta à necessidade de

⁴⁶ Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 262-263 (“Discurso sobre o Objeto e a Importância da Filosofia” [1842]). Recitado perante Sua Majestade o Imperador, no dia 14 de fevereiro de 1842, na abertura do curso de filosofia do Imperial Colégio Pedro II.

⁴⁷ Refiro-me ao Regresso enquanto movimento de centralização do poder comandado pela figura de Bernardo Pereira de Vasconcelos, entre os anos de 1836 e 1840, período que Justiniano José da Rocha, em seu texto – *Ação, Reação, Transação. Duas palavras acerca da atualidade* (1855) –, denominou *reação monárquica*. Justiniano José da Rocha classifica esse processo como reação exagerada à obra social democrática, que se teria estabelecido entre os anos de 1831 e 1836, e que teria desestabilizado a ordem no Império.

⁴⁸ Aqui notamos forte influência da filosofia de Hegel. Magalhães, porém, não faz uma leitura redutora da *Fenomenologia*. O universal (o Espírito) seria em movimento, sendo o particular o lugar de partida possível, num **como se** que seria, na verdade, o próprio ato de nomear e de acordar, o próprio ser. Movimento que se faz tenso e que exige ininterrupta atenção e cuidado.

se buscar, através da atitude filosófica, em especial por parte do poeta, caminhos que possam substituir a antiga e falida experiência colonial, quer seja no campo econômico quer no que se refere à construção de reflexões políticas e culturais capazes de estabelecer vínculos entre os brasileiros, produção de sentido, esperança. Vejamos a próxima citação.

Tu suspiras, ó Pátria! / Co'os teus os meus suspiros se misturam./ e que al [sic] fazer eu posso? / Se é surda a Providência às preces tuas, / Que pode a frágil mão de um filho inútil? / os teus suspiros / a mim chegaram, / E me abalaram / O coração. / Socorro dar-te / Embalde (sic) intento, / E só aumento / Minha aflição. / Qual naufragante (sic) / Que uma onda impele, / Outra expele / Ao alto-mar; / E de onda em onda / Sendo rolado, / Já lacerado, / Vai encalhar. / Mas na praia não achando / Um asilo protetor, / O alento último exala. / Assim morreis, suspiros, em minha alma, / Depois de haver o Oceano magoadado. / Mas, ó Pátria, quem causa mágoas tuas? / Ah! não fales, não digas... sofre... espera. / Eu conheço teu mal. Ah! não são estes, / Qu'inda os pulsos têm lívidos dos ferros, / Recém-livres, costumes têm de escravos, / Estes não são, que ao teu porvir brilhante / As portas abrirão; são os seus filhos / espera, espera, que o porvir é grande; / E a vontade do Eterno, que os teus montes, / O teu céu, os teus rios nos revelam, / Será cumprida um dia: espera, espera. / Ainda ontem te ergueste de teu berço; / Mal um passo ensaiaste, / E não é crível que amanhã já morras / Como em torno do sol os astros giram / Em círculo perpétuo, / Em torno de seu Deus as Nações marcham, / E de tal Astro à luz jamais se eclipsam; / Crê em Deus; que ele só salvar-te pode / E vós, que a fronte ergueis de nós acima, / Vós, que empunhais da governança o leme, / Vós, que velar devíeis, até quando / Fareis da Pátria o patrimônio vosso, / E tolhereis seus passos? / Corai, corai de pejo, envergonhai-vos / de encher o excelso assento de poeira, / De poeira que sois, que um leve sopro / Dispersa, e acaba, e nem vestígios deixa / Para o crástino dia. / Nulidades, que humanas formas cobrem, / Empolas que se geram num minuto, / E que noutro minuto se desfazem, / Como bolhas de espuma, que brincando, / De tênue tubo o infante cair deixa, / e no meio da queda desaparecem: / Que fizeste, que em vossa glória fale? / Nada!... Passastes como secas folhas, / Que os ventos remoinham. / Basta, enfim basta de ilusão, de engano. / Mira a Pátria a grandeza; / Vós a empeceis; / deixai o campo livre / À Juventude, do progresso amiga. / Eu vos saúdo, Geração futura! / Só em vós eu confio. / Crescei, mimosa planta, / Sobre a terra da Pátria só regada / Com lágrimas e sangue. / Crescei, crescei da liberdade, ó filhos / Para a pátria salvar, que vos aguarda.⁴⁹

A longa, porém necessária citação, nos remete a alguns dos pontos que até aqui discutimos. Podemos perceber que Gonçalves de Magalhães está se referindo a um mal-estar profundo que habita sua alma e que teria sido capaz de navegar por longos mares e de encontrá-lo em outras terras, na França. Vemos que Magalhães não estava

⁴⁹ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 293 passim.

alienado ao que ocorria no Brasil, ou melhor dizendo, ao que insistia em permanecer, qual seja, a arbitrariedade política e a escravidão; dirigentes que faziam “da Pátria o patrimônio vosso...”. O autor dos *Suspiros Poéticos* afirmava que as mesmas dores que afligiam sua pátria estariam atormentando sua alma.

Parece, num primeiro momento, que as ações prestadas pelo poeta em prol da Pátria e da Nação não parecem surtir efeito, já que “nulidades, que humanas formas cobrem” insistiam em “...encher o excelso acento de poeira, / De poeira que sois...”. Nem o poeta nem a Providência, num primeiro momento. Apenas esta última num outro momento. E por fim, clama por ação - “Basta, enfim basta de ilusão, de engano. / (...) deixai o campo livre / À Juventude, do progresso amiga. / Crescei mimosa planta, / Crescei, crescei da liberdade, ó filhos, / Para a Pátria salvar, que vos aguarda”.

Nada de contradição. Ocorre que, afirmando a diferença entre Deus e o homem, Magalhães revela ser necessário que nos atentemos para o que aqui está a ocorrer, e busquemos, através de uma investigação rigorosa (atitude filosófica), redesenhar diálogos consigo e com os outros, com o novo e com a tradição, enfim, forjar uma Nação em movimento e com a esperança de um futuro melhor.

E o que estava acontecendo no Império do Brasil? A resposta já é conhecida, a saber, as arbitrariedades racionalistas e utilitaristas dos que dirigiam o Estado, assim como a permanência da escravidão e a “miséria” da imensa maioria. Tratava-se de buscar corrigir os males executados pelo Estado brasileiro em construção. Aqui seria necessário, em nome da justiça de certo projeto nacional, criticar o próprio Estado-Nação que o Regresso erguia. Em relação ao mal da escravidão e à ambição dos que dirigiam o Estado, Magalhães é ainda mais incisivo, vejamos:

Ó terra do Brasil, terra querida, / Quantas vezes do mísero Africano / Te regaram as lágrimas saudosas? / Quantas vezes teus bosques repetiram / Magoados acentos / Do cântico do escravo, / Ao som dos duros golpes do machado! / Ó bárbara ambição, que sem piedade, / Cega e surda de Cristo a lei postergas, / E assoberbando mares, e perigos, / Vais infame roubar, não vãs riquezas, / Mas homens, que escravizas! / Mil vezes o Senhor, para punir-te, / Opôs ao teu baixel ondas, e ventos; / Mil vezes, mas em

balde, / Nas cavernas do mar caiu gemendo. / À voz do Eterno obediente a terra / Se mostra austera e parca, / Que a lágrima do escravo esteriliza / O terreno que orvalha. / A Natureza presa a Liberdade, / E só franqueia aos livres seus tesouros. / Ó suspirada, ó cara Liberdade, / Descende asinha do Africano à choça, / Seu pranto enxuga, quebra-lhe as cadeias, / E adoça-lhe da pátria a dor saudosa.⁵⁰

Resumindo, heranças portuguesas como o despotismo e a escravidão medraram no Império do Brasil. “Em balde” vieram as rebeliões regenciais. Nada aprenderam os dirigentes do Estado que, ao invés de buscar corrigir o caminho de sangue e de irracionalismo trilhado, puseram-se a ratificar os pecados cometidos e a se afastar, por fim, dos cotidianos que afligiam, verdadeiramente, o Estado-Nação. Se a Independência seria um momento privilegiado para se entoar os cânticos à liberdade e ao diálogo, Magalhães descobre cedo que a Nação brasileira que estava sendo construída era fruto de avaros interesses. Então, dentro do próprio Estado, passa a criticar a direção **centralista**.⁵¹

Aos governantes, Magalhães interroga: “E vós, que a fronte ergueis de nós acima, / Vós, que empunhais da governança o leme, / Vós, que velar devíeis, até quando / Fareis da Pátria o patrimônio vosso, / E tolhereis seus passos?”. A toda a Nação Magalhães exclama, como já vimos: “Mas, ó Pátria, quem causa mágoas tuas? / Ah! não fales, não digas... sofre... espera. / Eu conheço teu mal. Ah! não são estes, / Qu’inda os pulsos têm lívidos dos ferros, / Recém-livres, costumes têm de escravos, / Estes não são, que ao teu porvir brilhante / As portas abrirão: São os seus filhos”. Aqui, o autor está nos falando de uma mentalidade escrava que habitava aqueles que compunham o *mundo do governo*. Magalhães denunciava um *ethos* despótico que produzia arbitrariedade no âmbito da *Casa* e no *mundo do governo*. Estes estadistas têm costumes de escravos, diz o autor. Escravos, pois impossibilitados foram de aprender o diálogo, o acordo e a preservação das individualidades. Não são capazes

⁵⁰ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1999 [1836], p. 343 passim.

⁵¹ **Centralista** por oposição a **centralizadora**. Magalhães afirmava que ao invés de aproximar as diferentes realidades a um sistema educacional/civilizador central, capaz de manter a unidade nacional paralela ao respeito à liberdade individual, o Regresso fiara-se na força e no irracionalismo tão somente. O resultado era uma ilusória percepção de centralização minada, por todos os lados, por indiferença e levantes.

de refletir acima dos próprios desejos, de construir um espaço público dialogal. Esses não eram, “ainda”, como observou Magalhães, os verdadeiros filhos da Pátria, da Nação que ainda estava por ser edificada.

O que Magalhães, enfim, parece querer dizer é que, dialeticamente, o absolutismo português e o sistema escravocrata se pertencem. Alcançar a libertação política não significava que a partir de então a Providência cuidaria de tudo, forjando o mundo necessário, lugar de encontro e de diálogo entre o que já foi e o que estava em vias de ser. O autor dos *Suspiros* alerta para a necessária revolução nos costumes, especialmente para a importância do diálogo racional, algo que já vimos naquele outro trecho em que ele se remete, diretamente, ao jovem Imperador d. Pedro II. A Nação estava em movimento e, diferentemente do que estava sendo afirmado pelo Estado através de sua ideologia utilitarista, no entanto, ausente dos movimentos da realidade⁵², necessitava de mudanças profundas; movimento oposto ao da *recunhagem* da moeda colonial.⁵³

A literatura seria, e aqui voltamos ao nosso ponto inicial, nos idos de 1836, lugar ideal para se comprovar a não redução da natureza do brasileiro à portuguesa (primeira libertação). Além de ser, como já vimos, o lugar por meio do qual descobriríamos e nos convenceríamos da necessidade de remodelarmos nossas almas (segunda libertação). Todavia, se a Nação em construção podia e devia seguir seu caminho, procurando novas interpretações de mundo, ela não estava trilhando o rumo correto, deixando-se colonizar não mais por aqueles oriundos das terras portuguesas, mas por aqueles que tinham, inclusive, pactuado no sentido de livrar o Brasil de sua condição colonial.

⁵² Em seu texto - *Memória Histórica E Documentada Da Revolução Da Província Do Maranhão Desde 1839 até 1840*, Magalhães alerta para a necessidade de uma atuante presença do Estado. Instituição essa que desconheceria as diferentes regiões, quero dizer, os distintos significados de tempo e de espaço, que não aqueles do lado Sul. A partir dessa “desinformação”, o Estado nunca deixaria de enfrentar revoltas como a que teve lugar no Maranhão.

⁵³ Conceito empregado por Ilmar R. de Mattos no livro – *O Tempo Saquarema*, para demonstrar a atuação re-produtiva da direção Consevadora Saquarema em relação ao monopólio da terra e da mão-de-obra escrava.

A literatura, “... *filha e representante moral da civilização*” (p. 26), guardava, na medida do possível, as diversas vozes e realidades que habitavam a Nação brasileira. Preservadora das tradições e representante do constitutivo movimento, apontava para soluções possíveis à constituição mais harmônica da sociedade brasileira. Era através da própria literatura (da história da literatura) que Magalhães questionava o passado e se utilizava da tradição para criticar os rumos do seu tempo.

...remontar-nos ao estado do Brasil depois de seu descobrimento, e daí, pedindo conta à história, e à tradição viva dos homens de como se passaram as coisas, seguindo a marcha do desenvolvimento intelectual, e pesquisando o espírito que a presidia, poderemos apresentar, *senão acabado*, ao menos um verdadeiro quadro histórico da nossa literatura. (p. 26) (Grifo próprio)

Pois bem, cabia ao literato atuar também a partir da razão, do que chamo de atitude filosófica. Era assim que o poeta e outros letrados constituiriam os quadros que auxiliariam na formação de um Estado-Nação atento e próximo aos movimentos do mundo material e social. Atitude aquela que não se confunde com a filosofia enquanto disciplina, e que se faz essencial à produção de conhecimento sobre a vida. Diz Magalhães:

Acabo de pronunciar o termo - filosofia -, cuja significação literal é tão intensa e extensa, que, na sua órbita vasta como o Universo, ficam incluídas todas as ciências humanas e todas as verdades que o tempo nos irá mostrando. Esta significação que lhe deram os antigos desde Pitágoras, posto que legítima, não podia permanecer entre seus modernos cultores, que procuraram fixar o seu objeto e circunscrever o seu domínio; a não ser assim, a lhe darmos a mesma antiga significação, não seria a filosofia uma determinada ciência, mas o complexo de todas as ciências, o que excederia a toda e qualquer capacidade humana por grande que fosse, ainda mesmo a de Aristóteles e Leibniz; por outro lado, tantas e tão variadas são as ciências a que se consagra o espírito do homem, que qualquer delas marcha sem dependência de outra, e mais que suficiente para nossa curta e afadigada vida [...] Esta maneira de falar denuncia claramente que não há ciência onde não há filosofia onde não há razão; e que a razão, só a razão, deve dominar sobre todos os nossos conhecimentos, para que se possam denominar científicos.⁵⁴

⁵⁴ Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 254 (“Discurso sobre o Objeto e a Importância da Filosofia” [1842]).

O “espírito filosófico” a que se refere Magalhães é o maior dos conjuntos. Abriga dentro dele a própria filosofia, a história, a literatura, e as ciências naturais. Todas elas, porém, têm sua importância devidamente reconhecida e tratam, em última instância, de aproximar o homem do mundo, dos outros homens e de Deus.⁵⁵ Vejamos:

Daqui se colige que, no exercício da razão, na pesquisa das causas, na explicação própria dos fenômenos está o *espírito filosófico*. Aquele que se contenta com as aparências sensíveis, com a sucessão dos efeitos e com a ordem de seu desenvolvimento, poderá possuir bastante cabedal para, entre os homens, passar por médico, químico ou físico, mas não bastante razão para se denominar filósofo. Os fatos são mudos e por si só não dão verdadeira ciência, como os títulos e pergaminhos (digamos de passagem) não dão verdadeira nobreza e saber; com esta diferença que sem fatos bem observados não podemos concluir ou deduzir coisa alguma; porque necessário é, segundo a nossa natureza, que marchem de acordo, e mutuamente se expliquem, os elementos a priori e a posteriori; necessário é interrogar os fatos, descobrir as leis que regem e indagar as causas: e isto é filosofar.⁵⁶ (Grifo próprio)

O poeta é aquele que filosofa, melhor dizendo, que possui espírito filosófico. Indaga o que parece ser real a partir da auto-reflexão, todavia deve voltar-se àquilo que produziu e investigar a sua precisão, demonstrar a razoabilidade de suas conclusões, afinal, “elementos a priori e a posteriori” que devem “mutuamente” se explicar. E tudo isso, claro, num movimento mediado pela imaginação.⁵⁷ E continuemos a ouvir Magalhães:

Por que as coisas são assim? O que são esses fenômenos em si mesmos? Quem lhes prescreveu essa ordem a que chamamos lei? O que é essa substância sem a qual não podemos conceber a possibilidade mesmo desses fenômenos? Donde viemos? para que vivemos? e para onde iremos? Eis uma nova ordem de questões da maior importância,

⁵⁵ Pedindo auxílio às palavras de Caetano de Faria: “A visão contemplativa e interdisciplinar que apresenta, rejeitando divisões rígidas do conhecimento em compartimentação estanque, constituía instrumento importante da sua concepção hermenêutica, sem dúvida tributária do Romantismo”. E cita Magalhães – “O historiador há de ser filósofo para bem indagar e julgar; poeta para bem sentir; moralista para bem doutrinar, e político para bem aplicar (...)”. CAETANO DE FÁRIA, F. da G., 1994, p. 25.

⁵⁶ Apud. BARROS, R. S. M. de, loc. cit.

⁵⁷ Tão importante é a importância da imaginação para Magalhães, que ele afirma: “Quanto a nós, a nossa convicção é que – nas obras do gênio o único guia é o gênio; que mais vale um vôo arrojado deste, que a marcha refletida e regular da servil imitação”. (p. 38).

que o homem julga-se com o direito de propor, ainda que lhe faleça a capacidade experimental para resolvê-las. Ele deixa o mundo sensível que nada lhe responde, e interroga a razão que o esclarece; e o que lhe diz a razão? que questione quando quiser e sobre o que quiser, que para isso, é ele inteligente e livre; que toda a questão tem uma resposta definitiva, que não lhe compete o revelar-lhe, mas lhe dará sua sanção se ele próprio a descobrir. Ávida a inteligência da verdade que tanto lhe importa, recorre a suas faculdades; na imaginação acha uma força criadora; ora, a imaginação não é só a faculdade de reproduzir imagens, nem lhe foi dada só para iludi-la; ela aí se concentra, imagina, compõe, levanta hipóteses e forma sistemas; isso fazemos nós todos e nem podemos deixar por mais experimentalistas que sejamos [...] Basta dizer que não é só nos domínios da filosofia que a inteligência se serve da imaginação.⁵⁸

Além da razão e do par observação/experimentação, há a criação. A imaginação aparece como uma “força criadora” constitutiva da atividade do poeta (como de qualquer outra atividade) e aponta para duas conclusões. Em primeiro lugar, é a própria confirmação da impossibilidade de redução plena do mundo e do além-mundo ao conhecimento, pois é índice de adição que soma e/ou subtrai. Em segundo lugar, e não menos importante, revela um viver do homem que é capaz de refletir e de produzir sentidos que respeitam, ao fim e ao cabo, o insuperável movimento dialógico entre observação e experimentação e auto-reflexão. A “resposta definitiva”, não compete à razão, ao homem “revelar-lhe”. A imaginação atua todo momento e constrói lógicas, cuja razão apenas sanciona. A imaginação em Magalhães é um relacionar-se com o mundo material através de um jogo de lembrança e esquecimento, que não somente “reproduz” imagens, pelo contrário, cria-as a partir da relação, repito, entre razão e mundo objetivo.⁵⁹ A equação produzida é: a literatura como exercício habitado pela atitude filosófica e essa, por sua vez, perpassada pela

⁵⁸ Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 257 (“Discurso sobre o Objeto e a Importância da Filosofia” [1842]).

⁵⁹ Leitura muito próxima da de Kant, pensador a que tem acesso, na maioria das vezes, via Victor Cousin. Porém, devemos destacar o fato de que, mesmo antes de conhecer este último, Magalhães já tinha tido acesso ao filósofo referido, antes inclusive de estudar com seu mestre Mont’Alverne em 1832. Cabe, aqui, palavras de Roque Spencer: “E já nessa época (1829), interessava-se pela filosofia, como o revela a Ode (À Filosofia), espécie de poema didático em que se entrega a considerações sobre a verdade, a natureza, expondo algumas vagas idéias de filósofos como Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Pirro, Zenão, Descartes, Leibniz, Malebranche, Locke, Kant.”. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 7.

atividade intensa da faculdade da imaginação. Como resultado, o conhecimento problemático do mundo, da Nação a ser construída.

Enfim, se *“toda história, como todo drama, supõe uma cena, atores, paixões, e um fato que progressivamente se desenvolve, que tem sua razão, e um fim...”* (p. 29), o homem não é capaz de desvelar esse enredo, apenas o tempo pode sancionar *“as verdades que a história e a memória recente dos fatos nos recordam...”* (p. 29). Se o que passou pode ser alçado de alguma maneira à tona, este conhecimento acaba tendo que prestar contas à historicidade que não se esgota, aliás, que apenas se resolve em Deus – *“...e o tempo, prosseguindo em sua marcha, irá mostrando qual é o destino que a Providência tem marcado a este Império da América”* (p. 29).

Magalhães acredita numa historicidade constitutiva, aposta em acordos problemáticos entre a auto-reflexão e os mundos da matéria e da cultura. Da mesma forma que a razão é importante ao poeta, a observação e a experimentação daquilo produzido devem ser, todo momento, intentadas; ambos, por fim, tangenciados pela imaginação. Se Magalhães parece estar seguro do sucesso de seu projeto, isso é menos por sua crença na capacidade do homem de se elevar ao todo, enfim, de descobrir as essências que movem o universo, do que por sua devoção ao plano divino e por sua fé na salvação anunciada. Salvação essa, porém, que não deve impedir o homem de atuar no mundo, como vimos no caso do poeta, todo o contrário. Mundo esse, no qual, todos nós estaríamos expostos à possibilidade do erro e das catástrofes morais. Decididamente, já nos primeiros textos de Magalhães, o progresso não é algo linear, a verdade não é acessível ao perecível homem e o projeto nacional não se coaduna com o sistema escravocrata e arbitrário tecido pelo Estado brasileiro, pelos espíritos de seus “bons” cidadãos. Segundo Nelson Saldanha:

O romantismo conduziu consigo uma espécie de consciência de posteridade, que veio dentro de sua aguda sensibilidade histórica e que se relaciona com vários outros traços da cultura moderna, possuídos do demônio da comparação e portadores da ‘sensação de crise’ que tem sido, dentro dessa cultura, força e fraqueza.⁶⁰

⁶⁰ SALDANHA, N., 1994, p. 92.

2.2. A autonomia não alcançada

O despotismo português era criticado e a Independência afirmada:

Quem não dirá que Portugal com esse sistema opressor só curava de atenuar e enfraquecer esta imensa colônia, porque conhecia sua própria fraqueza, e ignorava seus mesmos interesses? Quem não dirá que ele temia que a mais alto ponto o Brasil se erguesse e lhe ofusasse a glória? ⁶¹ (p. 29)

Magalhães denunciava o desencontro de interesses entre a colônia e a metrópole. Independência em relação ao jugo estrangeiro, porém, adiante, despotismo por parte dos filhos que dirigiam a Nação. Opressão, materialismo e irracionalismo permaneciam e ditavam a construção do recém-projetado Estado-Nação.

Permanência que se fizera logo flagrante através das atitudes arbitrárias de d. Pedro I, e depois no movimento de centralização política capitaneado por Bernardo Pereira de Vasconcelos. Vejamos alguns poemas através dos quais Magalhães criticou as atitudes arbitrárias daquele Imperador.

Na *Ode à Liberdade*, de 1829:

De novo a voz de Deus, no ar troando,/ dará consolo à aflita humanidade;/ de novo a Liberdade/ Calcará a seus pés o despotismo:/ Livre o mundo será. – Ouvi, humanos,/ há de acabar-se a raça dos tiranos (...) Outra lei sobre os ombros seus não pesa/ mais do que a santa lei da Natureza (...) Livre o homem saiu das mãos do Eterno,/ e livre conservou-se largos anos./ Mas quais ímpios tiranos,/ primeiros, tal estado perturbaram?/ por que, ó Deus, por que fatalidade/ o homem perdeu a cara Liberdade.⁶²

⁶¹ Continuarei fazendo as devidas referências às citações do *Discurso Sobre a História da Literatura do Brasil* no corpo do texto.

⁶² Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 15.

E na *Ode ao dia 25 de março*:

Que me importa morrer! A vida é nada;/ A Liberdade é tudo./ Roma, se teve Heróis, foi por ser livre;/ Catão morreu com ela./ Hoje, ó Roma, o que és tu? És nada. Ah! teme/ igual sorte, ó Brasil, sem Liberdade.⁶³

Diferente, porém, do discurso mais amplo, do qual participavam os estadistas interessados na re-produção do monopólio da mão-de-obra e dos privilégios decorrentes, as palavras de Gonçalves de Magalhães apontam para outras direções. Ele tece uma crítica estrutural ao sistema colonial, algo que não é levado a cabo por aqueles outros. A homens como Bernardo Pereira de Vasconcelos não interessava aprofundar a exposição dos prejuízos mais enraizados que acabariam por denunciar o rumo errôneo daquele Estado que já caminhava havia quatorze anos. Enfim, Magalhães denunciava a barbárie dos que administravam o Estado brasileiro independente, já livre dos portugueses, na segunda metade da década de trinta, porém dependente dos vícios de um sistema escravocrata irracional e produtor do arbitrário.

Para Magalhães, o despotismo e a exploração escravocrata, constituíam um binômio ativo, cuja extinção dependeria da eliminação de ambas as premissas. Vejamos:

Assim é que um bárbaro senhor algema seu escravo, receoso que ele lhe fuja, e só lhe desprende os braços para seu serviço em rústicos trabalhos. A economia política tem

⁶³ Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 15. Aliás, acompanhemos o que Roque Spencer afirma, a partir dos mesmos trechos, acerca da defesa da liberdade política em Magalhães – “O poeta está impregnado do clima político dos anos finais do primeiro reinado (de quando datam algumas composições) e dos tempos imediatamente posteriores à abdicação. Sua atitude é a dos patriotas liberais. É ela que aparece, cheia de alusões greco-romanas num poema de 1830, como a *Ode Pindárica ao Amor da Pátria*, na *Ode – A Liberdade* -, de 29, na *Ode ao dia 25 de Março – Aniversário da Constituição do Império*, na *Ode ao Dia 7 de abril (1831)*, na *Ode aos Deputados da Assembléia constituinte do Brasil no regresso do seu exílio* (sem data), no *Elogio Dramático em aplauso no dia aniversário da independência do Brasil* (1831) e em uma ou outra passagem de outras composições”. Lembrando, sempre, que a liberdade política não se esgota nela mesma, e que ela é *conditio sine qua non* à liberdade metafísica. Aquela à essa e essa àquela, num jogo de reciprocidade que se rompido resvala em pura escravidão. Vejamos as palavras de Roque Spencer – “Mas a liberdade política, que o jovem poeta reclama, fazendo coro com os patriotas de então, tem, para ele, um fundamento mais alto: ela descansa num suporte metafísico, na própria constituição essencial do homem, nos termos da concepção cristã”. *Ibid.*, p. 16.

combatido vitoriosamente o erro que desde muito grassava na política, que um povo não pode prosperar senão à custa de outro povo, e com sacrifício de tudo que o rodeia; política essa que à imitação dos Romanos, e de todos os povos dos baixos tempos, Portugal exerceu sobre o Brasil. (p. 29)

Não nos parece ser despropositada a comparação entre Portugal e os romanos. Está lembrando que a opressão de ambos se exercia a partir de duas práticas despóticas que se completavam, faces da mesma moeda, o absolutismo do imperador e a arbitrariedade do senhor de escravos.

Indo a fundo em sua prosa historiográfica, Magalhães ataca com significativa virulência a imoralidade e o individualismo instituídos no Brasil pelos portugueses, porém, mais do que isso, apreendidos e reproduzidos pelos que aqui nasciam. Digamos que um fruto mal gerado. Imoralidade que se fez presente desde os primeiros anos da colonização. E isso, graças aos vícios e irreligiosidade que se arrastaram desde tempos distantes.

...em vão; as virtudes do cristianismo não se podiam domiciliar nos corações desses homens encharcados de vícios, e tirados pela maior parte dos cárceres de Lisboa, para vir povoar no Novo Mundo.[...] era basear uma Nação nascente sobre todas as espécies de vícios e crimes. (p. 28)

Dois são os pontos que por agora desejo esclarecer. É bem verdade que o discurso de Magalhães peca por se referir a uma origem que não teria contado com a primeira casta dos portugueses, reproduzindo o mito da fundação da colônia Brasil por degredados vis. Isso parece tornar aquelas palavras menos cortantes, pois comprometidas com um certo *ethos* superior nobiliárquico. Todavia, o mesmo autor está destacando uma origem que não era dourada, desenhando um discurso calcado em “tristes” permanências historicamente explicáveis, longa duração da imoralidade e do despotismo.

Se os gentios eram seres que precisavam ser civilizados, especialmente em se tratando da fé católica, parece que os portugueses acabaram por ser tornar figuras ainda mais afastadas do mundo da moralidade; incapazes de ilustrar àqueles.

Magalhães retratava uma Nação na qual a semente primeira tinha aflorado numa grande árvore podre. Vejamos:

Quanto aos índios, esses infelizes perseguidos eram a ferro e a fogo, como se fossem animais ferozes; nem eles em outra categoria eram considerados pelos seus arrebanhadores. Sabe-se que necessário foi que uma bula do Papa Paulo III os declarasse verdadeiros homens, e capazes por isso da fé de Cristo; sem o que talvez os Europeus os houvessem de todo exterminado! (p. 28)

E continua, utilizando palavras do português Simão de Vasconcelos:

Os portugueses que ali já estavam, e começavam a povoar esses lugares, viviam a modo de gentios; e os gentios com o exemplo destes iam fazendo menos conceito da lei de Cristo: e sobretudo, que viviam aqueles Portugueses de um trato vilíssimo, salteando os pobres índios, ou nos caminhos, ou em suas terras, servindo-se deles, e avexando-os contra todas as leis da razão. (p. 28)

Como vemos, a história da literatura do Brasil empreendida por Magalhães ia percebendo estruturas profundas que vinham se constituindo como empecilhos fundamentais à civilização por ele pretendida, assim como visualizava presenças indesejáveis, temor, desde sempre, ao plural. Afirma que *“muitos dos Srs. fazendeiros à imitação dos antigos barões, vivem sem respeito algum às autoridades...”*.⁶⁴ Desanimado, em alguns momentos, com a não preocupação dos homens de seu tempo com o mundo, Magalhães afirmava que todo aquele real estabelecido, composto das escravidões política e civil, não poderia ser essencial. “Permanência” que impedia a “marcha” e o “engrandecimento”. Vejamos:

A Deus não praza que esse perigoso fermento que entre nós gira, esse gérmen de discórdia, ressaibo ainda de não apurada educação, e sobretudo a escravidão, tão contrária ao desenvolvimento da indústria e das artes, e tão perniciosa à moral, não impeçam sua marcha e engrandecimento. (p. 29)

⁶⁴ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1989 [1848], p. 16

Indo de encontro à postura civilizacional do Regresso, Magalhães afirmou ser necessário uma mudança de curso. Uma profunda transformação que necessitava da ordem implementada pelo Estado, porém que deveria ser construída o quanto antes num outro sentido. Ao invés de instituições fortes e homens fracos, Magalhães decantava a necessidade de se construir aquelas a partir de homens fortes. Era necessário que a herança irracionalista, pois materialista, e arbitrária, pois despótica, que vinha dos tempos da colônia e que permanecia em função da realização dos interesses de alguns poucos, cedesse lugar a um pacto que priorizasse a utilização da razão e de acordos provisórios que respeitassem o interesse da maioria. Homens fortes que a partir da reflexão seriam capazes de superar o desejo, implementando vontade - superação do ser puro animal. Caso contrário, eventos como a Balaiada seriam recorrentes obstáculos à formação da Nação pretendida. Enfim, era necessário civilizar a *boa sociedade*. De lá vinham todos os bons, porém, também, os maus exemplos, a imoralidade. Vejamos:

Qualquer que seja o pensamento da época, nobre ou vil, nunca das classes inferiores se eleva às culminantes; nestas se ele germina, e daí, como o contágio, se vai estendendo até a choupana, donde reage.⁶⁵

Todavia, não se trataria de crer, segundo Magalhães, que a realidade colonial, e a de seus dias, ambas arbitrárias e escravocratas, fossem capazes de eliminar a capacidade de auto-reflexão humana; nosso autor mantinha viva a esperança. Dentro desse quadro, o resultado da pesquisa de Magalhães nos leva à consideração de espíritos que, de alguma forma (em especial a partir da literatura), não se permitiram dominar pela imposição de discursos centralizantes.

Ao través das espessas trevas em que se achavam envolvidos os homens neste continente americano, viram-se alguns espíritos superiores brilhar de passagem, bem semelhantes [a] essas luzes errantes que o peregrino admira em solitária noite nos desertos do Brasil; sim eles eram como pirilampos que no meio das trevas fosforeiam.
(p. 29)

⁶⁵ MAGALHÃES, D. J. G. de, 1989 [1848], p. 14.

Ao mesmo tempo, vemos que essas forças relutantes não deixavam de ser prejudicadas em suas atividades reflexivas e políticas por aqueles que atuavam, nos tempos coloniais, a favor dos interesses portugueses - “espessas trevas em que se achavam envolvidos”. O que devemos ressaltar a partir das palavras de Magalhães é a não desistência do mundo.⁶⁶ Como já mencionamos, nem o começo era somente trevas, pois habitado por “luzes errantes”, nem o “fim” paradisíaco, lugar estável a que chegariam os homens após alguma forma de dominação do “real” e do sobrenatural. Magalhães nos está falando de um *estar-no-mundo* que exige pensamento e presença, melhor dizendo, reflexão e ação.⁶⁷

Enfim, encontramos um autor preocupado com o mundo em que vive, preocupado em buscar diálogos com quem quer que seja capaz de atitude filosófica, em pôr em parênteses o mundo, sem dele se refugiar. E, mais uma vez, Magalhães deixa bem clara sua preocupação com o par escravidão civil - escravidão política, concebendo, enfim, as duas como uma só. Afirmava que o universo de “trevas” que aqui no Brasil se instalara, e que persistia até aqueles dias em que escrevia o *Discurso*, era resultado da ausência de liberdade, da impossibilidade de florescimento das individualidades radicais, impossibilidade de qualquer reflexão grave, senão vejamos:

E poder-se-á com razão acusar o Brasil de não ter produzido inteligências de mais subido quilate? Mas que povo escravizado pôde cantar com harmonia, quando o

⁶⁶ O descontentamento com o “fracasso” da Revolução Francesa, tendo em vista a “ditadura” das massas proposta em 1793, acabou por ecoar por toda a Europa, fazendo com que inteligências que tinham apoiado o movimento retirassem seu consentimento, assim como se subtraíssem do mundo da cultura. A partir de uma relação direta entre sentimento e Natureza, o romântico acabava por denunciar a fragilidade da razão em sua relação com o mundo, isolando-se, todavia, em suas fantasmagorias. Crente de ter tido acesso ao Todo, ele retornaria, por vezes, ao mundo com igual ou maior irracionalismo e arbitrariedade quanto aquele “monstro” que atacara. Cf. LIMA, L. C., 1989 e Cf. ROUANET, M. H., 1991, cap. I.

⁶⁷ Aqui, não vejo problemas em aproximar esse interesse pelo mundo, acompanhado pela preservação da liberdade criadora, reflexiva, ao *cuidado-com-o-mundo*, estrutura fundamental no pensamento de Hannah Arendt, em especial nos livros – *A vida do Espírito* e *A condição humana*. Outra fonte a que nos reportamos é Kant, presente na biblioteca do autor em questão. Esse *cuidado-com-o-mundo*, mantenedor do heterogêneo, encontra-se bem trabalhado no livro - *História Contemporânea de um Ponto de Vista Cosmopolita*, do pensador alemão.

retinido das cadeias e o ardor das feridas torturam? Que colono tão feliz, ainda com o peso sobre os ombros, e curvado sobre a terra, a voz ergueu no meio do universo, e gravou seu nome nas páginas da memória? Quem não tendo a consciência da sua livre existência, só rodeado de *cenar de miséria*, pôde soltar um riso de alegria, e exalar o pensamento de sua individualidade? Não; as ciências, a poesia e as belas artes, filhas da liberdade, não são partilhas do escravo; irmãs da glória, fogem do país amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com a liberdade habitar podem. (p. 30) (Grifo próprio)

Trechos como “o retinido das cadeias e o ardor das feridas sua existência torturam”, não devem ser encarados como simples metáforas de um momento anterior à Independência, no qual a escravidão política ceifava a inteligência dos que viviam na colônia. Além das referências diretas ao mal da escravidão política e de sua permanência após o processo de Independência, o texto de Magalhães é repleto de uma crítica que não concebe a possibilidade de um viver minimamente organizado sem liberdade civil, além de comentar a importante questão da “miséria”, da qual o homem estava rodeado.

Aliás, o fragmento acima nos traz um conceito muito importante em se tratando do processo civilizador de Magalhães, refiro-me à individualidade. Magalhães, a partir de seu cuidado-com-o-mundo, estava cada vez mais reticente em relação à leitura então vigente do pensamento hegeliano e à sua noção de movimento irrefreável do Espírito (da História). Se durante o *Discurso* ele ainda falava em um movimento do universo orientado por Deus, portanto, em última análise, bem irrefutável, quando da escritura da *Memória Histórica* (sobre a Balaiada) e dos *Fatos* ele disseminava claramente a preocupação com a manutenção das individualidades dentro de um universo sempre dialogal, respeitador da ordem. O nosso autor participa da ordem instituída buscando transformá-la apenas de dentro dela mesma, a partir da atuação na *polis*, projetos políticos distintos que se rivalizavam. De um lado os homens do Regresso, de outro o projeto espiritual/pedagógico de Magalhães, defendido, também, por figuras como Torres Homem e Araújo Porto-Alegre. A civilização não é fim que se deva requerer através da espada, mas sim, via reflexão (atitude filosófica) e diálogo, justificáveis em função do movimento inapreensível do Espírito.

Da filosofia dependem mais ou menos todas as ciências, principalmente as morais e políticas, das quais tanto precisa um povo livre, que aspira a tomar um lugar distinto entre as nações civilizadas; o que só se consegue com a elevação da inteligência a tudo o que é belo, bom e justo; e todos podem cultivar a filosofia sem prejuízo, antes com muita vantagem, de todas as outras ciências e interesses.⁶⁸

Por isso não é nada paradoxal a participação de Gonçalves de Magalhães em cargos políticos e administrativos ao longo de toda sua vida. Ele pretendia, sim, civilizar, de maneira em muito particular, desde os *mais distantes* até os *mais próximos*.⁶⁹ Como já vimos na primeira parte do presente capítulo, tratava-se de um movimento reflexivo aberto ao mundo material, atento a ele, sabedor da afetação constitutiva da razão pelo dito “real”, assim como preocupado em cuidar dos mundos minimamente construídos. Dentro desta lógica penso ser equivocada a hipótese de que devido à aproximação entre Magalhães e o Estado imperial, a partir da figura de d. Pedro II, aquele estaria a serviço da implementação da Nação brasileira como uma reprodução do *status quo*.⁷⁰ Como ressalta Fernando Cristóvão:

Com efeito, há na obra de Magalhães reais méritos que permitem e recomendam uma revisão de juízos, uma reavaliação de méritos e deméritos, até porque neste caso, como em muitos outros, foi excessivo o peso da circuntância sócio-política na avaliação do valor literário do Visconde de Araguaia [...] a partir daí juntaram-se a essa tarefa demolidora a crítica literária e a contestação político-social do tempo, desvalorizando a

⁶⁸ MAGALHÃES, D. J. G. de, 2004 [1858], p. 50.

⁶⁹ Cf. MATTOS, I. R. de, 1994, capítulo 2.

⁷⁰ Para uma versão diferente da proposta no presente trabalho ver os trabalhos de Luiz Costa Lima e o de Antonio Candido (*Formação da Literatura Brasileira*). Segundo aquele - “No caso europeu, tanto o romantismo que manteve o otimismo no progresso da fraternidade e da igualdade, quanto o que cedo refluiu para o ideal de autonomia da arte, manteve o seu caráter de rebeldia contra a sociedade instituída. Sua ida à natureza era pois um estímulo à auto-reflexão libertadora. No Brasil, isso seria inimaginável, desde logo porque a primeira geração romântica, a dos Gonçalves de Magalhães e Porto-Alegre, contava com o estímulo imperial”. LIMA, L. C., 1989, p. 134. Ver também os trabalhos de Flora Süssekind e de Bernardo Ricupero. Acompanhando parte da argumentação deste último, vejamos - “O problema da geração romântica é, além do mais, duplo: é político e cultural. O que é, contudo, menos simples é determinar onde começa o cultural e termina o político para esses homens, que, a partir de Estados em vias de serem estabelecidos, pretendem forjar nações”. E, continuando, explica, utilizando palavras de Latarria, o que quer expressar ao falar da dificuldade em se separar a cultura da política - “Lastarria confessa claramente um uso instrumental da arte: ‘había tenido que hacerme literato para auxiliarme con este propósito todas las formas de arte y combatir el pasado colonial, hiriéndole, chocándolo, sublevando contra él las antipatías de la nueva generación”. RICUPERO, B., 2004, p. XX.

sua obra e a pessoa, pois Magalhães era demasiado próximo do Imperador e do poder estabelecido.⁷¹

Magalhães não se “fez” literato, assim como não pensou o mundo a partir de seu projeto de Nação; ao contrário, este é o resultado de sua mundividência. Literatura e Política⁷² são, para ele, realizações que tomam o espírito desde uma historicidade, devendo, ambas, serem comprometidas com a liberdade individual e com a sobrevivência da coletividade a partir da *polis*.

Magalhães busca forjar um espírito nacional – “... o precursor, a figura histórica do construtor de um projeto de identidade cultural do Brasil”⁷³ – e não ratificar as posturas defendidas pelo Estado imperial em construção.⁷⁴ Lembremos que estão em jogo duras críticas ao duplo despotismo a que já nos referimos. Magalhães punha-se a favor de uma lógica civilizacional que construísse a Nação brasileira a partir dos diferentes elementos racionais e responsáveis, e contra o movimento de formação da Nação pelo Estado Conservador; algo que vinha forjando de universal aquilo que era estritamente particular. Acompanhem as palavras de Francisco da Gama Caiiro, através das quais o autor afirma que o projeto nacional de Magalhães buscou basear-se em distintas vozes:

Eis assim como Magalhães – precursor da autonomia cultural brasileira, do Indianismo e das tradições nacionais específicas de um espaço territorial confinado à América do Sul, e, aquele próprio, o genuíno e verídico autor de um projecto universalizante, que não se compreende sem as concepções teóricas de Europa, de Civilização ocidental e

⁷¹ CRISTÓVÃO, F., 1994, p. 169. Esse mesmo autor critica o pouco senso realista das assertivas românticas de Magalhães, pois – “... tece longas considerações sobre a natureza essencialmente poética dos índios, mesmo que para isso seja necessário imaginar muita coisa e usar documentos sem grande base ou credibilidade históricas”. Idem. p. 176. Entretanto, comparando Magalhães a Varnhagen, afirma como positiva a busca pioneira empreendida por aquele em direção àquilo que era particular ao Brasil, pois – “Varnhagen, nos anos 50, ainda dizia que a civilização brasileira devia ser o prolongamento da europa”. Ibid. p. 177.

⁷² Magalhães, assim como Joaquim Nabuco, estava menos preocupado com o mundo do “toma lá dá cá” típico da política com “p” minúsculo, realizada claramente a partir de interesses particulares. Nabuco, por exemplo, ao afirmar que aprendera com Thiers a fazer Política, se encontraria com Magalhães na inspiração ética de refletir, experimentar e atuar **como se** universal. Enfim, preservação da individualidade reflexiva e encontro a partir de abstrações acordadas como necessárias. Cf. NABUCO, J., 1999, cap. VI e Id., 2000.

⁷³ CAEIRO, F. da G., 1994, p. 17.

⁷⁴ Para uma interpretação distinta Cf. BAREL, A. B. D., 2002, p. 32-63.

Cultural européia. [...] Mas o conceito de civilização européia une-se, na construção teórica de Magalhães, ao elemento indígena como parte integrante da população e da realidade constitutiva do Brasil, uma síntese original e criadora de novas formas de civilização.⁷⁵

Menos do que de um *ethos* aristocrático, Magalhães nos fala de uma formação necessária àqueles que pretendiam dirigir e administrar os rumos do Estado. Uma *paideia* que deixa de ser privilégio absoluto daqueles outros que pelo sangue herdavam as capacidades. A formação do homem de Estado passava a ser resultado de uma caminhada que contemplava, necessariamente, o diálogo, a leitura, a dedicação, a observação e a experimentação.⁷⁶ Aliás, lembremos que o próprio poeta, ser diferenciado, tinha de se policiar e buscar experimentar e observar seus

⁷⁵ CAEIRO, F. da G., 1994, p. 19-20. Aliás, Podemos afirmar que aqui se encontram Magalhães e Machado de Assis e seu conhecido *Instinto de nacionalidade*. Este, ao se referir a Shakespeare, não deixa de ressaltar que universal e particular se entrecruzam, apenas sendo um em companhia do outro. Palavras de Nabuco que podem completar o raciocínio pretendido, seguem-se – “A instabilidade a que me estou referindo está grandemente modificada; a dualidade desapareceu em parte, não tão perfeitamente como em meu amigo Taunay... Este, apesar do seu sangue cruzado, apesar de ter escrito o seu livro clássico em francês, e apesar de sua brilhante propaganda contra o nativismo, é o mais genuíno nativista que eu conheço, porque não compreende sequer a vida em outra terra, em outra natureza”. NABUCO, J., 1999, p. 51.

⁷⁶ Em carta a Monte Alverne, rogando-lhe por permitir a publicação de alguns textos, afirmava a necessidade de se combater a irracionalidade e a mesquinhez que há muito grassavam. E tudo isso, em função da pouca, ou quase nenhuma, dedicação às letras – “Não me admira que ache a sua Lógica imperfeita, o espírito humano se desenvolve todos os dias e de grau em grau marcha à perfectibilidade, que faz desesperar os vaidosos e aos cegos de entendimento; mas mesmo assim não penso creio Padre Mestre não a possa pôr em relação com a Filosofia do tempo. O Ecletismo que no Brasil deve quanto antes ser plantado para que a mocidade aprenda a não dizer blasfêmias contra Deus e os homens. Por falta de Ecletismo um ex-Ministro disse que não havia no Brasil necessidade de escolas de Filosofia e Retórica; outro, que ainda governa, em uma portaria disse que as artes não precisam de proteção; um charlatão quis achar a alma no cadinho, um matemático olha com desprezo para o poeta etc. etc. Mas eu tenho esperanças no futuro; o império da mediocridade há de cair, mas à condição de uma luta consciente, sem o que governará ainda por algum tempo os espíritos; convém, pois, que nos armemos não com punhais, mas com os brandões da sabedoria e ao seu clarão desaparecerão as trevas”. MAGALHÃES, D. J. G. de, 1964, p. 45-46 (15 de janeiro de 1835). E, continuando, afirma a D. Pedro II, num outro texto, o quanto é necessário que todos, inclusive o próprio imperador, não se descuidem do trabalho intelectual sério, algo que faltava, segundo Magalhães aos que habitavam aquele Império. Missão que Magalhães pretende cumprir também a partir da cátedra de filosofia do Imperial Colégio Pedro II – “O verdadeiro conhecimento é, muitas vezes, como o diamante que das mãos do lapidário não recebeu polidas e brilhantes facetas; por ele passa o vulgo, e não o vê; feliz de quem o reconhece através da crosta natural e pouco lisongeira; a verdade, como o merecimento, é simples em seu exterior, e teme ser esmagada a cada passo; nem esperem os bons monarcas que ela os visite sem convite; antes, se a desejam, solícitos e procuram entre os que falam – humilde, baixo, e rude, como diz o Épico, encontram – Da vida o honesto estudo,/ Com longa experiência misturado”. Id. 1973 [1842], p. 262-263.

argumentos no dito “real”, caso contrário, correria o risco de tornar-se instrumento de arbitrariedades próprias ou alheias. O papel da educação, aqui, se faz fundamental.

Como deputado à sexta legislatura, em 1846-47, Magalhães se esforçou por facilitar o acesso à educação, assim como por levar às regiões uma educação sólida, e, ao mesmo tempo, buscou incessantemente, a partir de reformas curriculares, da tradução de livros, enfim, de toda a experiência colhida na França, reeducar o sistema educacional centralista e materialista.⁷⁷

Foi eleito a 6 de maio de 1846, juntamente com Torres Homem e Muniz Tavares, para compor a Comissão de Instrução Pública. Apresentou três projetos sobre ensino no ano de 1846, fundidos em um só no ano seguinte.⁷⁸ Acompanhem as palavras de Torres Homem que, muito próximas às de Magalhães, defendem a reestruturação do ensino no Brasil.

(...) depois de tantas e tão grandes revoluções da filosofia moderna, ela é ainda ensinada em um compêndio de Genuense por ordem do governo. Melhor fora nada ensinar-se absolutamente deste ramo, talvez o mais importante dos conhecimentos.⁷⁹

A aproximação a certa cultura católica é outro elemento fundamental à reforma espiritual pretendida por Magalhães, em detrimento da força da espada. Vale lembrar que no primeiro projeto apresentado pela Comissão de Instrução Pública, assinado por Magalhães, havia a preocupação em se fortalecer o ensino da religião do Estado, estendendo-o, inclusive, às escolas não católicas. Os trabalhos do autor examinados nesta dissertação já nos permitiram falar desse ideal religioso que não se deixava

⁷⁷ Os três projetos complementares apresentados também por Magalhães tratavam de limitar a liberdade de ensino, estabelecendo exigências para a melhor qualificação dos professores. Entre os temas também figuravam a abertura de novas turmas e escolas, a criação de um conselho geral de instrução pública e a de um liceu nacional na capital do Império, lugar de onde se irradiaria a reforma espiritual pretendida. Cabe dizer, ainda, que tais projetos foram arquivados e muito pouco se avançou em relação à reforma e expansão do ensino secundário durante todo o século XIX. Cf. HAIDAR, M. de L. M., 1972.

⁷⁸ Porém, Roque Spencer afirma que Magalhães não era a voz que mais alto gritou na defesa dos projetos – “Magalhães mesmo participa dos debates apenas na sessão de 29 de julho de 46 e o seu discurso está longe de oferecer o interesse e a riqueza da participação de Torres Homem”. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 134.

⁷⁹ Apud. Ibid., p. 135.

fossilizar, valendo lembrar assim que a fé em Magalhães é um elemento a ser experimentado pela razão, e esta por aquela. A fé e a razão foram responsáveis pelo retorno do poeta ao mundo. Segundo Antonio Cândido:

Mas foi a segunda modalidade que dominou: religião concebida como posição afetiva, abertura da sensibilidade para o mundo e as coisas através de um espiritualismo mais ou menos indefinido, que é propriamente a religiosidade, tão característica do Romantismo [...] Assim a vemos, tanto num meticuloso devoto, como Magalhães, quanto num céptico irreverente, como Bernardo Guimarães.⁸⁰

As palavras acima reforçam a afirmação de Roque Spencer de que a religiosidade de Magalhães pertence ao universo do *liberalismo romântico*.⁸¹ A geração de 30 francesa, entre eles, Guizot, Tocqueville e Cousin, também influenciada pela autonomia reflexiva da ética kantiana, ressaltava a religião como mais um lugar de diálogo, ponto de partida que valorizava a finitude. Gostaríamos, ainda, de apresentar a bela sentença de Benedito Nunes em relação à heterogeneidade intrínseca ao pensamento religioso.

Paradoxalmente é o próprio cristianismo que alui o supra-sensível desmoronando. A razão só se transformaria na mola do progresso quando conduzida pelo primado do eu pensante. A interiorização da fé no protestantismo secundaria esse primado, intensificando os opostos que a constituem, a inclinação mundana e a ascese extramundana. A religião cristã viveria do entrechoque de seus opostos. Ela é, quanto a isso, uma religião de interpretação, que implica tanto o dogma quanto a liberdade de consciência. Por intermédio desta passará do religioso para a conduta racional.

⁸⁰ CANDIDO, A., 1981, p. 17.

⁸¹ “Mostramos em outro lugar que a tensão romântica entre singular e universal, entre liberdade e a totalidade, acaba, freqüentemente, por resolver-se em religião. Na maioria das vezes se trata de uma religião da totalidade, em que o individual anseia por perder-se no divino, como no caso de um Schleiermacher, numa linha mística que recua aos ‘padres do deserto’, ao êxtase de S. Bernardo, supremo grau de amor divino, ou do Meister Eckhart. Mas pode tratar-se, também, de uma religião que, embora existindo no fundo de todas as coisas, de tudo o que é belo, íntimo e nobre, nem por isso exija do homem o aniquilamento do ‘eu’, antes o afirme na plenitude de sua liberdade e responsabilidade, ‘religião liberal’ que é a dos românticos Benjamim Constant ou Tocqueville, que é, igualmente, a que se afirma no espiritualismo eclético de Cousin, a que se prende Magalhães com a sua decidida oposição a toda e qualquer forma de misticismo. E é a religião, neste último sentido, ou pelo menos a religiosidade, como atitude fundamental diante da vida, que marca centralmente a personalidade de Magalhães”. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 3.

Conseqüentemente, deste ponto de vista, é uma força de ‘desencantamento do mundo’.⁸²

Um olhar atento pode nos revelar a preocupação com a religião desdobrando-se no cuidado com o outro e com a *polis*. Ela revelaria a existência de uma força maior, ou melhor, qualitativamente diferente, algo que nos levaria a suprimir os individualismos e a acreditar e apostar em nossos cotidianos, assim como na construção e na manutenção de solidariedades.⁸³ Solidariedade seja a um irmão seja a um co-cidadão. Como afirma Braz Teixeira, para Magalhães, a religião é – “*origem do entusiasmo e criadora da arte*”.⁸⁴ Por fim, Deus era o lugar ideal de partida para a conscientização do homem em relação à sua finitude e para a necessária relação de diálogo, preservação e doação na *polis*. Essa era a base do projeto nacional/espiritual de Magalhães – **religião/finitude, reflexão e diálogo**.

Ora, à vista disso, Magalhães continua denunciando o espírito egoísta que, desde os tempos da Colônia, repudiava a reflexão e o diálogo. Um Estado e uma civilização que se afastavam do que seria o reto caminho. Acompanhemos:

Se refletirmos, veremos que não são poucos os escritores para um país que era colônia portuguesa; para um país onde ainda hoje o trabalho do literato, longe de assegurar-lhe com a glória uma independência individual, e um título de mais ao reconhecimento público, parece ao contrário desmerecê-lo, e desviá-lo da liga dos homens positivos, que desdenhosos dizem: é um poeta! sem distinguir se apenas é um trovista, ou um homem de gênio; como se dissessem: eis aí um ocioso, um parasita, que não pertence a este mundo; deixai-o com sua mania. (p. 30)

Observamos que, quer seja no Brasil colonial, quer nos tempos em que escrevia, certa alienação em relação à faculdade da auto-reflexão era dominante. Todavia, “heróis” insistiam em demonstrar que tal capacidade é, ao fim e ao cabo,

⁸² NUNES, B., 2002, p. 26/7.

⁸³ Magalhães, nos moldes de Santo Tomás e de certo Santo Agostinho, via no Reino (no mundo) uma parte do Todo. Um lugar repleto de pistas (inclusive deixadas pelas reflexões e atitudes alheias) que, se aproximadas, ofereceriam possibilidade de acesso parcial ao Criador.

⁸⁴ TEIXEIRA, A. B., 1994 (2), p. 24.

constitutiva e intransponível. Magalhães e a juventude a que tanto se referia, amigos como Torres Homem e Araújo Porto Alegre, eram os tais heróis, aqueles responsáveis pela construção de espaços cada vez mais significativos, espaços nos quais idéias como o fim da escravidão, a liberdade de pensamento e o diálogo consensual ocupavam lugar de destaque. Magalhães brigava contra os interesses do complexo mercantil escravocrata que, como nos lembra Carvalho Franco, foi capaz de produzir uma inteiridade ética baseada no lucro e no individualismo.⁸⁵

O poeta é guiado pelo seu radical dilaceramento, interessado em produzir e externar sua dor e seu regozijo, assim como em defender a existência de um *locus*, no qual todos (os devidamente preparados) pudessem o mesmo fazer, conformando, assim, uma reunião de homens capazes de estabelecer existência, resguardando, porém, a caoticidade (paixão) necessária.

Sempre porém como o peregrino no meio dos bosques, que vai cantando sem esperança de recompensa, o poeta brasileiro não é guiado por nenhum interesse, e só o amor da poesia e da pátria o inspira. (p. 30)

O projeto nacional de Gonçalves de Magalhães não buscava transplantar reflexões e instituições francesas, em detrimento dos verdadeiros interesses brasileiros. Assim como, lá pelos idos de 1830, ao manifestar repulsa à administração de d. Pedro I, Magalhães não se propunha a externar ódio a Portugal, mas, pelo contrário, divulgar um projeto que pretendia, necessariamente, a eliminação do binômio escravidão política/escravidão civil. Rogava pelo olhar mais atento aos rumos enganosos que o Estado-Nação em construção estava tomando.

Dentro deste escopo, Magalhães não se eximia de mostrar identificação a elementos da cultura portuguesa, assim como não deixava de criticar, como bom romântico, a aproximação irracional a outras culturas, especialmente aos elementos clássicos. Estes últimos que longe estavam dos movimentos do dia-a-dia no Império, das respostas (provisórias) ao dilaceramento, da produção de solidariedade. O que

⁸⁵ Cf. FRANCO, M. S. de C., 1976.

ocupava lugar de destaque no pensamento de Magalhães era a busca de diferentes elementos que pudessem contribuir para o fortalecimento de seu projeto espiritual/educacional, viessem de onde fosse.

Se em total esquecimento muitos deles existiam, provém isso em parte da língua em que escreveram, que tão pouco conhecida é a língua portuguesa na Europa, e principalmente em França, Inglaterra e Alemanha, onde mais alto soa o brado da fama e colossal reputação adquire; em parte sobre nós deve cair a censura, que tão pródigos somos em louvar e admirar os estranhos, quão mesquinhos e ingratos nos mostramos para com os nossos, e deste jeito visos damos que nada possuímos. Não pretendemos que a esmo se louve tudo o que nos pertence, só porque é nosso; vaidade fora insuportável; mas porventura vós que consumistes vossa mocidade no estudo dos clássicos latinos e gregos, vós que ledes Racine, Voltaire, Camões ou Filinto Elísio, e não cessais de admirá-los, muitas vezes mais por imitação do que por crítica, dizei-me, apreciastes vós as belezas naturais de um Santa Rita Durão, de um Basílio da Gama, e de um Caldas? (p. 30)

Penso ser importante fazermos um paralelo com Joaquim Nabuco, aliás, um dos alguns possíveis. Caiu sobre a figura de Nabuco a mesma acusação de ter sido alienado em relação às instituições brasileiras, apaixonado que era por Paris e Inglaterra, tudo isso em função de trechos como este: *“As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Alerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos teatros, da moda, da política, somos sempre squatters, como se estivéssemos ainda derribando a mata virgem”*.⁸⁶

Poucas linhas depois Magalhães afirma: *“Hoje o Brasil é filho da civilização francesa, e como Nação é filho dessa revolução famosa que abalou todos os tronos da Europa, e repartiu com os homens a púrpura e os cetros dos reis [...] O gigante da nossa idade mandou o susto com as suas baionetas até a extremidade da Península Ibéria, e o neto dos Afonsos, aterrorizado como um menino, temeu que o braço vitorioso do árbitro dos reis cair fizesse sobre sua cabeça o palácio dos seus avós”*. (p. 33)

⁸⁶ NABUCO, J., 1999, p. 49.

Bastava aproximar-se da França “libertária”, culturalmente superior ao Brasil, para que começássemos a ter nossos horizontes “dilatados”, é o que nos faz entender a citação acima. Teríamos, assim, um encontro entre dois autores pouco afeitos às coisas do Brasil?

Pois bem, indo mais adiante, como entender a significativa admiração expressa por Magalhães à França e a exaltação da inventividade, melhor dizendo, daquilo que, novo, verdadeiro, belo e justo, nos pertenceria? Voltando a Nabuco, vejamos como algumas de suas considerações revelam admiração e paixão pela Pátria mãe. Acompanhemos:

Quando, porém, entre a pátria, que é o sentimento, e o mundo, que é o pensamento, vi que a *imaginação* podia quebrar a estreita forma em que estavam a cozer ao sol tropical os meus pequenos debuxos de almas, Ustedes me entienden, deixei ir a Europa, a história, a arte, guardando do que é universal só a religião e as letras.⁸⁷ (Grifo próprio)

Preferiria Nabuco, assim, a sua pátria, o Império do Brasil à Europa, mesmo que isso representasse deixar para trás importantes elementos fundamentais à formação de seu *self*? Adianto que a resposta é, como em Magalhães, em parte, negativa.

Nabuco nos ajuda a voltar àquela discussão que fizemos na primeira parte deste capítulo, na qual procuramos mostrar que: 1. a capacidade de auto-reflexão não caminharia sadia sem a relação aberta com o mundo; 2. que a auto-reflexão é, em última instância, inalienável, e que a *imaginação* deveria ser entendida como uma faculdade constitutiva e produtiva. Assim, somos capazes de concluir que ele entendia a relação entre razão e entendimento, entre auto-reflexão e movimento do mundo, como elemento capaz de forjar o novo, uma construção que em nada deveria a quaisquer outras nações. Afirmar a imaginação como constitutiva e produtiva era refutar afirmações de superioridade incontestáveis e ontologicamente superiores. Assim, o diálogo com a cultura ocidental não deveria ser negado.

⁸⁷ NABUCO, J., 1999, p. 51

O projeto de Nação de Magalhães, assim como o de Nabuco, decanta, também, a especificidade inalienável dos diferentes povos, além de pretender participação num mesmo universo político-cultural, o concerto internacional das Nações, pois a Nação brasileira não era nem superior nem inferior, em essência. E Magalhães continua: “*Os escritos franceses começaram a ser apreciados em Portugal; suas idéias se comunicaram ao Brasil; dilataram-se os vados, e homens de subida têmpera mostraram que os nascidos nos incultos sertões da América podiam dilatar seu vôo até as margens do Tejo, e emparelhar com as Tágides no canto*”. (p. 34). E como afirma Roque Spencer: “*O ecletismo de Cousin (pondo de lado a fraqueza intrínseca, que o próprio Cousin percebeu de todo o ecletismo) tem as suas compensações: permiti-lhe ajudar a compreender o outro, a evitar muitas das ‘alucinações romântica’*”.⁸⁸ Enfim, a partir de Victor Cousin, Magalhães compreende que a historicidade, o movimento do mundo da cultura, é capaz de abrir espaço para a observação e para a experimentação, até então impensáveis dentro dos sistemas racionalistas iluministas. À diferença de Cousin, é bom que digamos, Magalhães alerta para a impossibilidade de qualquer tipo de salto racional capaz de estancar o movimento e a incompletude constitutivos ao ente humano.

Joaquim Nabuco e Magalhães reconhecem na imaginação presença capaz de permitir especificidades à participação da Nação brasileira no cenário mundial, assim como aos indivíduos dentro de uma Nação, lembremos. Tal faculdade habilita o autor de *Minha Formação* a deixar para trás, se preciso fosse, a “história” e as “artes”. Isso significa mais do que possa parecer num primeiro momento. Nabuco quer nos mostrar o quanto a história e as artes da Europa ocidental se auto intitularam superiores, belas, justas e verdadeiras, sínteses de uma experiência humana já desfraldada *in totum*. Ele aposta na capacidade ficcional humana, aliada, é claro, assim como o faz Magalhães, à razão e ao entendimento. De que outra forma, aliás, os antes “incultos do sertão” poderiam ocupar seus devidos lugares, em condições de igualdade, no concerto internacional?

⁸⁸ BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 47.

Pois bem, o projeto nacional de Magalhães apontava para a necessidade de se reconhecer as tradições ocidentais, buscando nelas fontes de diálogo e de engrandecimento. O autor estava interessado em construir cotidianos e códigos que não deveriam ser apreciados como (eternamente) dependentes do pensamento europeu, tão pouco como descolados do espírito do tempo. A dependência inicial, como vimos, não se dava por uma inerente inferioridade; não nos esqueçamos do papel reservado à imaginação acompanhando a razão e o entendimento. Magalhães admitia, e com certa coerência, que: 1. a busca de uma originalidade absoluta era impossível, devido, como já vimos, à relação dialética permanente entre o dito e o dizer, entre o universal e o particular; 2. a *intelligentsia* européia, em especial a francesa, possuía um importante acúmulo de experiências e saberes; isto não significa, repito, que tal manancial seja representante daquilo que é bom e verdadeiro, absolutamente.

Cada Nação, Povo, grupo, indivíduo, pois não nos esqueçamos da importância dada por Magalhães à individualidade, possui um papel dentro do respectivo Todo. Esse papel, como vimos, é interditado, ao fim e ao cabo, ao entendimento, graças ao movimento incessante da historicidade, logo, da condição ontológica humana de ser um ente-a-caminho. Cada Nação, como íamos dizendo, deve e pode apresentar seu quinhão de sabedoria dentro do diálogo internacional, assim como no microcosmos, cada indivíduo guarda a capacidade de atuar e de contribuir para a inteligibilidade provisória de determinada comunidade. Pois bem, esse diálogo acontece, ou ao menos deveria acontecer, segundo Magalhães, dentro de uma relação “equilibrada” entre presente e passado, entre os particulares e o universal.

Toca ao nosso século restaurar as ruínas e reparar as faltas dos passados séculos. Cada nação livre reconhece hoje mais que nunca a necessidade de marchar. Marchar para uma nação é engrandecer-se moralmente, é desenvolver todos os elementos da civilização. É pois mister reunir todos os títulos de sua existência para tomar o posto que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos da sua genealogia para na presença do soberano fazer-se credor de novas graças. Se o futuro só pode sair do presente, a grandeza daquele se medirá pela deste. O

povo que se olvida a si mesmo, que ignora o seu passado, como tudo o que nele se passa, esse povo fica sempre na imobilidade do império Indochinês. (p. 30-31)

Notemos bem, não apenas “restaurar as ruínas” como também “reparar as faltas”, ou melhor, não se trata de servilismo, seja ele em relação ao passado ou a algum modelo contemporâneo; isto porque “cada nação livre” tem relevância e participação no projeto de construção de um universo mais amplo em qualquer instância, vale lembrar, quer seja na relação entre indivíduos dentro de uma Nação, quer seja em relação ao diálogo entre as próprias unidades nacionais. Como afirma Caeiro:

A concepção romântica da doutrina do povo originário – do Urvolk – e da Nação, inspirada nos princípios anímicos e primordiais do Mito, da Música e da Poesia, teria de ser reelaborada e transposta na obra de Magalhães para o caso específico do sincretismo cultural do povo brasileiro [...] E mais: A noção de povo em Magalhães, tal como ocorre no nacionalismo fichteano, visa uma fundamentação filosófica e é concebida em moldes organicistas – uma realidade orgânica e espiritual, que progressivamente se vai desenvolvendo em novas criações do Espírito [...] com uma memória que identifica suas raízes históricas, cultua os antepassados e as tradições genuínas [...] ⁸⁹

E continua o autor, a fim de demonstrar o interesse de Magalhães em afirmar que a construção da Nação brasileira deveria partir da relação dialética entre o particular e o universal:

A categoria de Volk originário é vertida, na obra de Magalhães [...] no indígena brasileiro: tema que iria mais tarde ser explorado e desenvolvido por Gonçalves Dias e por Alencar, na senda fecunda do indianismo. Importa, porém, desde já salientar os traços característicos da construção de Magalhães: a doutrina do antepassado brasileiro adquire alcance filosófico, insere-se no contexto de uma concepção global de Humanidade, da Cultura universal e simultaneamente radicada e nacional. ⁹⁰

⁸⁹ CAEIRO, F. da G., 1994, p. 25.

⁹⁰ Ibid., p. 26. Como vemos, a relação entre particular e universal, se liberto da crença no mito da origem, pode representar elemento positivo, invenção que insere símbolos compartilháveis e não fantasmagorias. A relação entre particular e universal a que me refiro como salutar se encontra bem trabalhada por Max Scheler, assim como pelo filósofo brasileiro Adolpho Crippa. Citando palavras de José Marinho, que bem representam os discursos daqueles dois autores – “...as formas de filosofar dadas aos homens mantêm-se em variedade infinda, repetindo no entanto sempre algo de essencial

E aqui podemos contar, novamente, com o auxílio de Joaquim Nabuco. Originalidade como encontro.

Nós, brasileiros – o mesmo pode-se dizer dos outros povos americanos – pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predomínio destas sobre aquele. A nossa imaginação não pode deixar de ser européia, isto é, de ser humana; ela não pára na Primeira Missa no Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilizações todas da humanidade, como a dos europeus com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos séculos de civilização acumulada, e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica.⁹¹

Vemos que Nabuco, assim como Magalhães, pensa na importância do **acúmulo** de possibilidades. Esse constante produzir, amparado na liberdade de auto-reflexão, na inventividade, assim como na abertura para o “real”, faz com que civilizações que aparentemente não reconheçam tais códigos sejam rejeitadas não em sua humanidade, mas em seu potencial de estabelecimento de uma vida moral e social satisfatória. Entretanto, ao mesmo tempo, Nabuco e Magalhães assumiam que a produção de respostas ao viver cotidiano é apenas provisória. Isso nos leva a acreditar, por fim, que a aposta dos dois na cultura ocidental se dá mais em função de um certo respeito pelos resultados até então alcançados do que por um etnocentrismo ontológico. Melhor dizendo, mais do que respeito à civilização européia, constitutividade irrefutável.

Magalhães nos está alertando para a necessidade de se ter cuidado com o passado, cuidado que, diga-se de passagem, não significa que se deva entender e aceitar, necessariamente, toda e qualquer manifestação estranha ao seu universo simbólico-racional. É a partir da pretensão dialogal que Magalhães oferece o ecletismo como elemento importante do seu projeto nacional.

através das idades. Tal como na diversidade imensa das formas de ser emerge uma unidade que vincula todo o múltiplo, ou um mais apreensível idêntico em todo o diverso, assim também na filosofia e em todo o saber autêntico o análogo se vê”. Apud. Ibid., p. 21

⁹¹ NABUCO, J., 1999, p. 49.

Tudo o que puder concorrer para o esclarecimento da história geral dos progressos da humanidade merecer deve a nossa consideração [...] Nada de exclusão; a exclusão é dos espíritos apoucados, que em pequena órbita giram, sempre satélites, e só brilhantes de luz emprestada. O amante da verdade porém, por caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse e objeto de profunda meditação... (p. 31)

Àqueles que entenderam significar o ecletismo, para Magalhães, um sistema capaz de promover a simples coalizão de interesses políticos e econômicos entre elites “mesmas” que apenas possuíam divergências conjunturais, afirmo ser esse um equívoco significativo. Como bem percebeu Ubiratan Borges, Cousin, desde muito cedo, reconheceu ser o ecletismo uma metodologia que se ancorava em forte espiritualismo. Além do mais, desde seus primeiros escritos, Magalhães teceu fortes críticas ao ecletismo como sistema, supondo que este fundava-se num erro de lógica, a saber, chegar ao todo através das multifacetadas partes, algo que acabava em idealismo. Ao criticar o ecletismo, Magalhães reafirmou a diferença ontológica entre Deus (pura Perfeição, simultâneo) e o homem, em última instância, ser histórico, enformado, em muito, por aquilo tudo que está ao seu redor espacial e temporal, pois como afirmou Nelson Saldanha – *“Parece-nos, de certo modo, que o século XIX teve, mais do que o XX, a consciência das mutações históricas, consciência expressada na psicologia histórica de Nietzsche tanto quanto no evolucionismo, e também naquilo que, no ecletismo, foi balanço e reexame”*.⁹² Vejamos, por fim, o que a esse respeito nos diz António Braz Teixeira:

Não obstante esta sua expressa adesão ao ecletismo e à admiração que nutria pelos dois máximos representantes, o jovem Magalhães não deixa, desde o primeiro momento, de procurar o seu próprio caminho especulativo e de se afastar, por vezes, das posições de Cousin. Assim, logo em 1836, se, por um lado, segue expressamente o chefe da escola eclética no modo de explicar o instinto religioso e a origem do culto, por outro afasta-se dele em quatro pontos essenciais: ao afirmar o primado da religião, que reputa, a um

⁹² SALDANHA, N., 1994, p. 94. Nos *Fatos*, Magalhães tece a comentada crítica, algo que mais bem acompanharemos no último capítulo. Todavia, as palavras de Saldanha já nos podem aproximar das reflexões do pensador brasileiro acerca do ecletismo como metodologia – “a propósito do ecletismo, valerá a pena lembrar que não poderia obviamente ter nascido antes dos ‘sistemas’ ao qual se refere, e que nasceu portanto como uma espécie de reexame da sucessão das filosofias; um reexame das alterações que as condicionam”. Ibid.

tempo, ‘fonte da filosofia, base da moral, origem do entusiasmo e criadora das artes’, ao admitir a noção de mistério, que considera a forma última da verdade, reservada à sabedoria do Ser Supremo ou Deus, ao atribuir caráter e dimensão social à moral e no modo de conceber o fundamento da própria moral. Enquanto o filósofo francês, numa atitude especulativa de inegável filiação platônica, via na idéia racional de bem o fundamento da moral, para o jovem pensador brasileiro a base da moral era constituída pela idéia de dever, emanada de Deus, fonte de todas as idéias eternas.⁹³

Em primeiro lugar, vemos que o autor português fala de um “primado da religião” no pensamento de Magalhães, algo que vai de encontro às reflexões de Victor Cousin. Isso se dá em função de significativa distinção entre o racionalismo de ambos os autores. Esse, acreditava ser capaz de alcançar o Todo a partir de suas elucubrações, aquele assumia ser a reflexão humana, em exercícios ético-morais, ontológicos e/ou metafísicos, marcada, desde sempre, por elementos como o *tempo* e o *espaço*, enfim, pela movimentação do mundo material e do mundo da cultura.

Num primeiro momento, Victor Cousin preocupado em resguardar a individualidade posta em perigo, quer pelo despotismo monárquico, quer pela “ditadura” jacobina, afirma a historicidade.

A verdadeira união da alma com Deus se faz pela verdade e pela virtude. Toda outra união é uma quimera, um perigo, às vezes um crime. Não é permitido ao homem abdicar, sob qualquer pretexto, do que o faz homem, do que o torna capaz de compreender Deus e de exprimi-lo em si mesmo em uma imagem imperfeita, pela razão, pela liberdade, pela consciência. É impróprio antecipar neste mundo os direitos da morte e sonhar com o estado dos santos quando a virtude só nos é imposta e quando esta é já tão difícil de cumprir, mesmo imperfeitamente.⁹⁴

E continua Cousin agora, no entanto, demonstrando o rompimento da tensão entre a atividade racional e a humanidade:

[a reflexão] repugna, então, que ela se encontre em qualquer fato primitivo: todo o juízo que a contém pressupõe outro onde ela não se encontra. Chega-se, assim, a um juízo destituído de toda a reflexão, a uma afirmação sem mistura de negação, à intuição

⁹³ TEIXEIRA, A. B., 1994, p. 24.

⁹⁴ Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 46.

imediate, filha legítima da energia natural do pensamento, como a inspiração do poeta e o instinto do herói.⁹⁵

Magalhães exclama, ao contrário, “a noção de mistério (...) forma última da verdade, reservada à sabedoria do Ser Supremo, ou Deus”. Nem o filósofo nem o poeta seriam capazes de ascender à Plenitude, como já vimos.

Magalhães, apesar de não primar pela clareza, exclama a necessidade de se construir uma Nação, na qual a reflexão seja capaz de acoplar-se à inventividade, elo fundamental, segundo o autor, entre a inteligência e o mundo; constrói-se, assim, imagens de mundo amparadas no cotidiano, inteligíveis e compartilhadas, todavia não domesticadoras. Trocando em miúdos, forja-se uma comunidade imaginada em movimento e dialogal desde seus próprios elementos; busca de acordos parciais entre as constitutivas inventividades, entre as individualidades preservadas.

É necessário ao poeta, portanto, auto-reflexão e inventividade para escapar à *imitatio* exigida pelo sistema clássico. Magalhães, ao criticar a noção moderna de *mimeses*, aponta para o necessário auxílio da razão e para a abertura constitutiva em relação ao “real”, não deixando de aclamar a salutar presença da inventividade (imaginação) como produtora de lógicas ótimas e problemáticas à relação homem-natureza-mundo da cultura. Afirma Magalhães - “*Convém, é certo, estudar os antigos e os modelos dos que se avantajaram nas diversas composições poéticas, mas não escravizar-se pela cega imitação*” (p. 38). Aqui sim encontramos a principal contribuição do espiritualismo eclético de Victor Cousin a Gonçalves de Magalhães.

Continuando, se por um lado era necessário afastar-se das musas do parnaso, por outro Magalhães agradecia aos jesuítas por trazer à América a importante presença da religião e da civilização ocidental, assim como alertava para a importante contribuição à civilização brasileira legada pelo elemento indígena. Um e outro eram indissociáveis.

⁹⁵ Apud. BARROS, R. S. M. de, 1973, p. 43.

Enfeitiçados por esse nune sedutor (os arquétipos clássicos), por essa bela estrangeira, os poetas brasileiros se deixaram levar por seus cânticos, e olvidaram as simples imagens que uma natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia [...] pois, continua Magalhães – Em poesia requer-se mais que tudo invenção, gênio e novidade; repetidas imitações o espírito esterilizam, como a muita arte e preceitos tolhem e sufocam o gênio... (p. 32)

O autor fluminense persiste. Agora aclama a poesia nativa anterior à independência, assim como o importante cruzamento entre ela e a tradição ocidental, vejamos:

Por alguns escritos antigos sabemos que algumas tribos indígenas se avantajavam pelo talento da música e da poesia, entre todas os Tamoios, que no Rio de Janeiro habitavam, eram os mais talentosos. Em seus combates, inspirados pelas cenas que os rodeavam, repetiam hinos guerreiros, com que acendiam a coragem nas almas dos combatentes, e nas suas festas cantavam coros alternados de música e dança, cantigas herdadas dos seus maiores[...] Porém: Tal veneração a seus cantores lembra-nos esses trovadores que de país em país peregrinavam, e ante os quais se abriam as portas dos castelos dos senhores da idade média; e ainda a respeitosa magnanidade do grande conquistador antigo para a família do Lírico grego. Por meio dessas duas potências sabiamente empregadas pelos Jesuítas missionários do Brasil, os selvagens abandonavam os seus bosques, e se amoldavam ao cristianismo e à civilização [...] Talvez tivessem eles de influir na atual poesia brasileira, como os cânticos dos bardos influíram na poesia do Norte da Europa, harmonizando seus melancólicos acentos com a sublime gravidade do cristianismo. (p. 37)

Índios e trovadores aproximados não significava uma simples prova de subserviência político-cultural, desejo de implementação de uma ideologia paralisante que se orientaria em direção à domesticação da maioria e à reificação de um *ethos* opressor definido. Aqueles dois pilares são as reminiscências de uma memória, a de Magalhães, e de uma reflexão que aponta para a impossibilidade de se estabelecer as origens últimas, quando se processa um encontro cultural. Em suma, não existiria a possibilidade de se falar do índio descolado de todas as premissas ocidentais, algo que, repito, Magalhães assumia como lugar de possibilidade.

Concluimos, assim, que a partir e através de Magalhães podemos ter acesso a um projeto de Nação que prima pelo movimento, pelo movimento ordenado e assegurado por aqueles que possuem a *paideia* necessária, que atuam respeitando a

irredutibilidade dos elementos - razão, imaginação e observação/experimentação. Aqui, visualizamos um projeto nacional preocupado em garantir às individualidades possibilidade de estar presente na configuração do Estado. Um Estado que estaria interessado em ratificar e proteger acordos obtidos não por uma minoria “mesquinha”, mas através do diálogo entre indivíduos convertidos à reflexão e à consciência de finitude.

Por fim, os grandes poetas deveriam construir suas manifestações a partir das imagens recolhidas e acumuladas em suas mentes e corações, quero dizer, a partir da tradição, da afetação desde a civilização, e isto, todavia, não era capaz de fazê-los afastar-se das manifestações mais particulares e fundamentais às suas pátrias, aliás, todo o contrário. Era salutar à invenção de novos sentidos, de novos cotidianos e símbolos, o diálogo com o *dito*, relação que não é de puro servilismo, longe disso.

Ainda hoje poetas europeus vão beber no Oriente as suas mais belas inspirações; Byron, Chateaubriand e Lamartine sobre seus túmulos meditaram. Ainda hoje se admira o tão celebrado céu da Grécia e da Itália, o céu que inspirou Homero e a Píndaro, e o que inspirou a Virgílio e a Horácio. Vimos esse céu que cobre as ruínas do Capitólio e do Coliseu; sim, é belo esse céu, mas o do Brasil não lhe cede em beleza! Falem por nós todos os viajadores, que por estrangeiros não o tacharão de suspeitos. Sem dúvida que eles fazem justiça; e o coração do Brasileiro, não tendo por hora muito de que se *ensoberbeça quanto às produções das humanas fadigas, que só com o tempo acumulam*, enche-se de prazer, e palpita de satisfação, lendo as brilhantes páginas de Langsdorff, Neuwied, Spix et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e de tantos outros viajadores que revelaram à Europa as belezas da nossa pátria (p. 35). (Grifo próprio)

Magalhães, como percebemos, alerta para a necessidade de se estar em constante movimento, observando e refletindo acompanhado da presença do outro, buscando acumular possibilidades. Seja esse outro a natureza, seja uma outra cultura/linguagem, cabe ressaltar que, ao fim e ao cabo, instaura-se um vazio de inteligibilidade.⁹⁶ É como se ele afirmasse que os “viajadores” apenas foram grandes

⁹⁶ Por ser a linguagem intraduzível em sua totalidade, penso ser a publicação da revista *Niterói*, em português, um elemento que se encaixa perfeitamente dentro do pretendido por Magalhães. Melhor dizendo, ele está preocupado em mostrar que dentro da língua portuguesa há contornos específicos,

pois se permitiram a dúvida, a surpresa, o mistério, o não saber dizer, sem deixar, por outro lado, de se expressar, ir e vir repleto de cuidado para não se deixar perder em terras distantes.

Era necessário falar dos mundos aos quais tinham observado; buscar, em parte, compreendê-*los*. Homens, enfim, comprometidos com tudo aquilo que pudesse auxiliar na produção de conhecimento problemático sobre o mundo. Assim, Magalhães via os “viajadores”, mesmo que eles, como já mostrado por extensa bibliografia, tivessem sido cooptados por uma espécie de espírito cientificista *avant la lettre*. Não nos esqueçamos que o saber em Magalhães não é síntese plena. Permitia espaço para a presença sempre estimulante das diferenças, pois – “nada de exclusão, nada de desprezo. Tudo o que puder concorrer para o esclarecimento da história geral dos progressos da humanidade merecer deve a nossa consideração”.

Todo o dito, de acordo com o que afirma Magalhães, instaura uma visão de mundo preocupada mais em criar inteligibilidade do que em apresentar arquétipos irrefutáveis.

‘...não unirei por isso a minha voz ao coro dos que os acusam (aos índios e aos portugueses). Em uns e outros respeito os nossos antepassados; a uns e outros devemos o que somos. Bons ou maus, constituem o passado do Brasil; e nenhuma nação conhecida teve mais ilustres fundadores’.⁹⁷

Aliás, entre outros, Magalhães privilegiava a língua como elemento representante da nacionalidade brasileira, lugar de encontro entre os ditos portugueses e indígenas. Aqui, o autor d’*Os indígenas do Brasil perante a história* afirma que não

indecifráveis aos olhos estrangeiros, que contêm cotidianos e mistérios da natureza brasileira. Ao pretender mostrar ao mundo a concretude de nossas vidas particulares, não poderia Magalhães, mesmo que quisesse, falar em outro idioma, em alheios códigos e símbolos. Tudo isso diferente do que propõe, por exemplo, o trabalho de Pinassi, ao afirmar que Magalhães e seus companheiros efetuaram a publicação da Niterói na França, em língua portuguesa, pois não estavam interessados em construir um universo nacional dialogal, mais sim em fortalecer o Estado e a ordem político-econômica hegemônica, a partir de subserviência à intelectualidade francesa. Cf. PINASSI, M. O., 1996.

⁹⁷ Apud. CAEIRO, F. da G., 1994, p. 27.

se trata de prejuízo ou superioridade do Brasil necessariamente, mas de uma realidade, do que é. Acompanhemos palavras de Caetano:

Mas aos elementos constitutivos da identidade nacional - a Terra, o Povo, a História, a Poesia, a Tradição, as lendas e os mitos primitivos – deve adicionar-se ainda o da Língua, para perfazer o quadro do Nacionalismo romântico, onde Magalhães se inspira.⁹⁸

O modelo de Nação em Magalhães, como temos visto, não se reduz ao nativismo. Enaltece a Terra (Natureza) – “*A terra é quem dá a nacionalidade a seus filhos, e não as raças adventícias que as povoam ...*”⁹⁹ - , entretanto, noções como a de História, Tradição e Língua estão plenas de diálogo com o elemento europeu, como claramente percebeu o autor em questão, pois – “*Se o Brasil é hoje uma nação independente; se uma só língua se fala em seu vasto território, em grande parte o devemos ao valor dos indígenas, que aos portugueses se ligaram*”.¹⁰⁰

Através da relação viva entre razão e entendimento, mediada pela imaginação, Magalhães afirmou seu projeto nacional. Nele estão presentes vozes da tradição, assim como novos ambientes e novos cotidianos. Florestas virgens e a Independência política orientam Magalhães em direção à instauração de parâmetros e símbolos, porém, esse movimento se dá, também, via liberdade de consciência e atenção para com o cotidiano, **abertura** em relação ao mundo. Natureza e Independência apenas foram cantadas desde os cotidianos, desde as relações entre passado e presente, a partir de problemas constitutivos como a escravidão e a miséria. A Nação, portanto, não é fim, é o início de uma ordem mais estável capaz de auxiliar poetas e outros heróis, a todos em geral, no tocante ao dilaceramento constitutivo ao humano e ao estar-no-mundo com os outros. A Nação é o lugar de encontro problemático entre o que é universal e o que é particular, entre o que foi e o que está sendo.

⁹⁸ Apud. CAEIRO, F. da G., 1994, p. 27.

⁹⁹ Apud. Ibid.

¹⁰⁰ Apud. Ibid, p. 28.

Acompanhemos, em algumas linhas, parte importante do projeto nacional de Magalhães:

No começo do século atual, com as mudanças e reformas que tem experimentado o Brasil, novo aspecto apresenta a sua literatura. Uma só idéia absorve todos os pensamentos, uma idéia até então quase desconhecida; é a idéia da pátria; ela domina tudo, e tudo se faz por ela, ou em seu nome. Independência, liberdade, instituições sociais, reformas políticas, todas as criações necessárias em uma nova Nação, tais são os objetos que ocupam as inteligências, que atraem a atenção de todos, e os únicos que ao povo interessam. (p. 35)

Todavia, seu propósito não era dos mais fáceis. Construir uma Nação baseada em liberdade de reflexão e de diálogo significava civilizar os espíritos despótico e escravocrata, implementando em seus lugares o respeito às individualidades e às capacidades intelectual e inventiva, necessárias, ambas, à participação construtiva na *polis*. Enfim, o encontro entre indivíduo e coletividade na praça pública forjando a alma da Nação.

A Herder, Fichte, e outros românticos, no sentido de que a realização maior da liberdade se dará através das formas de simpatia, de “afinidades eletivas”, que formam as amizades, os grupos, as famílias, as comunidades e as nações, onde o indivíduo, perdendo sua identidade, ainda que parcialmente, encontrar-se-á a si mesmo no todo.¹⁰¹

A estrada a ser seguida é aquela iniciada no passado, sendo “o mais seguro caminho trilhá-la” (p.38), e não se manter estático sob uma admiração e reconfiguração miméticas. Palavras que apontam para a necessidade de se dialogar com o acúmulo de conhecimento estabelecido pelos homens, em especial pelo poeta nesse primeiro momento. Entretanto, alerta para a necessária historicidade de tudo o que é humano, logo para o dever de se olhar para frente e de se valorizar a inventividade.

¹⁰¹ RODRIGUES, A. M. M., 1994, p. 82

Como não estudamos a história só com o único fito de conhecer o passado, mas sim com o fim de tirar úteis lições para o presente; assim no estudo do que chamamos modelos não nos devemos limitar à sua reprodução imitativa (p. 38)

Enfim, “À direita; à esquerda”, perigos estão por toda parte, afirma o poeta Magalhães. No primeiro texto mais representativo de sua caminhada, mostra-se atordoado, preocupado com os outros, assim como com seus próprios delírios, dilaceramentos constitutivos e necessários, lembremos, à configuração de um mundo menos exposto às arbitrariedades, lugar de liberdade e devidamente ordenado.